

INÊS ALVES DA
PALMA

N.º: 220139013

**A NATUREZA DENTRO E FORA DA
SALA: COMO POTENCIAR A
RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM A
NATUREZA EM CONTEXTO DE
CRECHE E JARDIM-DE-INFÂNCIA?**

Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado em
Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação

ORIENTADOR

Professora Especialista Maria Teresa Elvas de Matos

VERSÃO DEFINITIVA

26 de Maio de 2025

INÊS ALVES DA
PALMA

Nº.: 220139013

**A NATUREZA DENTRO E FORA DA
SALA: COMO POTENCIAR A
RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM A
NATUREZA EM CONTEXTO DE
CRECHE E JARDIM-DE-INFÂNCIA?**

JÚRI

Presidente: Ilda Clara Almeida da Cruz Rodrigues

Orientador: Professora Especialista Maria Teresa
Elvas de Matos

Vogal: Sofia Gago da Silva Corrêa Figueira

26 de Maio de 2025



“Que a curiosidade leve ao deslumbramento da descoberta, da brincadeira,
dos risos e das conversas.”

Inês Alves da Palma, 2023

Índice

Índice de Tabelas	
Índice de Imagens	
Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	4
1.1. A importância da organização do ambiente educativo	4
1.2. . A importância do brincar na Educação de Infância.....	7
O brincar	7
O brincar no exterior	9
1.3. O papel do educador de infância	12
O educador de infância.....	12
O educador de infância e as estratégias de contato com natureza	13
O educador de infância e as famílias.....	14
1.4. Síntese	16
Capítulo II – Metodologia	17
2.1. Abordagem qualitativa e investigação-ação	17
Investigação qualitativa	17
Investigação-ação.....	18
Síntese.....	19
2.2. Procedimentos de recolha de tratamento e análise da informação	19
Observação	19
Notas de Campo	20
Registo Fotográfico	20
Entrevistas.....	21
2.3. Perfil do investigador e questões de ética	23
2.4. Síntese	25
Capítulo III – Caracterização dos contextos educativos e descrição e interpretação das intervenções	26
3.1. Instituição A.....	27
Infraestruturas e Espaço Físico	27
Organização da sala.....	29
Constituição do Grupo e da Equipa	32

Rotina e Rotinas	33
3.2. Intervenções	34
1. ^a Intervenção: “Olha o bicho!”	34
2. ^a Intervenção: “Natureza no interior”	36
3. ^a Intervenção: “Colar a natureza”	42
3.3. Instituição B	47
Infraestruturas e Espaço Físico	47
Organização da sala.....	49
Constituição do Grupo e da Equipa	52
Rotina e Rotinas	53
3.4. Intervenções	54
1. ^a Intervenção: “A Área da Natureza”	54
2. ^a Intervenção: “Observar o nosso espaço!”	57
3. ^a Intervenção: “A Batata-Doce”	64
Considerações Finais.....	67
Referências Bibliográficas	71
Apêndices	74
1. Autorização das famílias do registo fotográfico	74
2. Guião da entrevista	74
3. Entrevistas.....	75
4. Instituição A – plantas das salas.....	86
5. Instituição A – Plano de ação e Planificação da 1. ^a intervenção	87
6. Instituição A – Documentação pedagógica e Planificação da 3. ^a intervenção	90
7. Instituição B – planta da sala	92
8. Instituição B - Planificações das intervenções	93

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Instituição A e B: Caraterização	26
Tabela 2 – Instituição A e B: Intervenções	27
Tabela 3 – Instituição A: Caraterização	27
Tabela 4 – Instituição A: Constituição do grande grupo	32
Tabela 5 – Instituição A: Intervenções	34
Tabela 6 - Instituição A: 2. ^a Intervenção - Divisão dos grupos.....	37
Tabela 7 - Instituição B: Caraterização	47
Tabela 8 - Instituição B: Constituição do grupo.....	52
Tabela 9 - Instituição B: Rotina(s).....	53
Tabela 10 - Instituição B: Intervenções	54

Índice de Imagens

Figura 1 - Sala Laranja e Lilás.....	28
Figura 2 - Refeitório.....	28
Figura 3 - Casas de banho adaptadas	28
Figura 4 – 1.º espaço: Espaço Exterior (Sala Lilás).....	28
Figura 5 – 2.º espaço: Espaço Exterior (Sala Laranja)	28
Figura 6 – Sala Lilás	31
Figura 7 – 1. ^a Intervenção: M (1a.7m) e as formigas.....	34
Figura 8 – Elementos naturais	40
Figura 9 – Primeiro grupo (ATL)	40
Figura 10 – Segundo grupo (ATL)	40
Figura 11 – Terceiro grupo (Dormitório).....	40
Figura 12 – Marcação do Mapa de Presenças e do Mapa do Tempo	43
Figura 13 – Descoberta dos caracóis em grande grupo	43
Figura 14 – Descoberta dos caracóis individual.....	43
Figura 15 – Material e elementos naturais	44
Figura 16 - Desenho.....	44
Figura 17 – Escolha dos elementos naturais	44
Figura 18 – Uso da cola líquida e recalque	45
Figura 19 – Autorretrato LS (1a.6m)	45
Figura 20 – Autorretrato Z (2a)	45
Figura 21 - Sala com os respetivos cabides, casas de banho e placar de exposições	48
Figura 22 – 1.º Espaço exterior (partilhado com as Salas Parque)	48
Figura 23 – 2.º Espaço exterior (Jardim-de-Infância).....	48
Figura 24 – Área das construções e exposições	52
Figura 25 – Área do grande grupo	52
Figura 26 – Área da natureza.....	52
Figura 27 – Área do coração	52
Figura 28 – Quadro dos cuidados da Área da Natureza.....	56
Figura 29 - Preenchimento de mapas no espaço exterior.....	57
Figura 30 - Grupo 1 a registar no espaço dos baloiços	59
Figura 31 - Grupo 2 a registar na árvore do baloiço	59
Figura 32 - Grupo 3 a registar debaixo do escorrega.....	59
Figura 33 - Grupo 3 a observar o ovo	59

Figura 34 - Grupo 3 com a Auxiliar L e o ovo	59
Figura 35 - Grupo 4 a registar nos bancos coloridos	59
Figura 36 – Grupo 5 a registar em cima do escorrega	59
Figura 37 – Criança de 6 anos a questionar sobre o registo com os elementos naturais	60
Figura 38 – Escolha dos elementos naturais para os registos.....	60
Figura 39 – Colagem e recorte dos elementos naturais nos registos	60
Figura 40 , 41 , 42 – Completar o registo dentro da sala com lápis de cor	60
Figura 43 – Visualização do vídeo	61
Figura 44 – Desenho do girassol	61
Figura 45 – Pintura do girassol.....	61
Figura 46 – Moldagem do girassol	61
Figura 47 – Material de registo.....	65
Figura 48 – Folha de registo “Passo a passo”	65
Figura 49 – Registo de observação em grande grupo	65
Figura 50 – Experiência Batata-doce	65
Figura 51 – Registo de uma criança de 3 anos	65
Figura 52 – Registo de uma criança de 6 anos	65

Agradecimentos

A realização deste Relatório de Projeto de Investigação foi possível graças à colaboração e ao apoio inestimável de diversas pessoas e instituições, às quais expresso a minha sincera gratidão:

Agradeço profundamente à Professora Maria Teresa de Matos, cuja orientação académica, às suas críticas construtivas contribuíram para o apuramento deste relatório que foi essencial;

Manifesto meu reconhecimento às instituições onde estagiei, pelos ambientes enriquecedores e pelos recursos disponibilizados para o desenvolvimento das intervenções deste relatório;

Agradeço às educadoras de infância e às restantes profissionais de educação das instituições e aos grupos de crianças, que demonstraram um carinho especial e que compartilharam as suas práticas e conhecimentos, permitindo uma compreensão dos desafios e potencialidades da Educação de Infância;

Às minhas colegas de curso e aos meus amigos, o meu muito obrigada pelo apoio moral e pelas valiosas trocas de experiências que enriqueceram o meu percurso;

Estendo os meus agradecimentos aos demais professores que compartilharam os seus conhecimentos e experiências, aos meus amigos próximos, à minha família e ao meu namorado pelo apoio incondicional durante toda a jornada académica;

Agradeço a Deus, cuja graça e orientação iluminaram cada etapa deste percurso;

Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o sucesso, em que cada gesto de apoio e incentivo foi fundamental para a realização deste relatório.

Resumo

O presente Relatório de Projeto de Investigação é desenvolvido sob o tema “**A natureza dentro e fora da sala**”, tendo como questão de investigação “**Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?**”, dando relevância à necessidade de uma Educação de Infância que integre o contato com a natureza nos processos de aprendizagem, contribuindo assim para o desenvolvimento das crianças numa perspetiva holística. A pesquisa centra-se em identificar estratégias e práticas que superem os obstáculos relativamente à interação entre as crianças e a natureza, baseadas em leituras de obras, autores de referência e momentos formativos onde foram apresentadas práticas de educadoras de infância onde a natureza este presente proporcionando aprendizagens significativas.

A investigação é baseada numa abordagem qualitativa como a observação, o registo fotográfico, as notas de campo e a entrevista, que ajudaram a captar as perceções das educadoras de infância e as experiências das crianças, oferecendo uma compreensão sobre as práticas pedagógicas e a inclusão de atividades, tendo em atenção às interações com a natureza.

Com esta investigação compreendi a importância da integração de atividades que promovam o contato com a natureza favorecem o desenvolvimento da criança a nível cognitivo, afetivo, social, físico e de compreensão ambiental, que com a reformulação e a capacitação das educadoras de infância podem auxiliar a transformar a sua prática educativa, no sentido de valorizar as práticas no espaço exterior e em contato com a natureza ou trazendo a natureza para dentro da sala.

Palavras-chaves: Brincar, Crianças, Educação, Natureza

Abstract

This Research Project Report is on the theme **“Nature Inside and Outside the Classroom,”** with the guiding question: **“How can we strengthen children’s relationship with nature in nurseries and kindergartens?”**, it highlights the need for early childhood education that includes direct contact with nature in learning, supporting children’s development in a holistic way. The research focuses on finding strategies and practices to overcome obstacles to children’s interaction with nature, drawing on books, key authors and training sessions that showcased how early childhood educators use nature to create meaningful learning experiences.

The research uses qualitative methods like observation, interviews, photographs, and field notes, to capture educators’ perspectives and children’s experiences, giving insight into teaching methods and how nature-based activities are integrated.

Through this research, I gained a practical understanding of how nature activities support children’s cognitive, emotional, social, physical and environmental development. By redesigning practices and training educators, we can transform teaching to value outdoor spaces and nature or bring natural elements into the classroom.

Keywords: Play, Children, Education, Nature

Introdução

No âmbito das unidades curriculares Estágio em Educação de Infância I, II, III e Seminário de Investigação I e II, foi desenvolvido o presente Relatório de Projeto de Investigação sobre uma temática transversal aos dois contextos educativos, creche e jardim-de-infância. Perante as observações diárias, reflexões individuais e acompanhada por profissionais de educação, o tema desenvolvido foi **“A natureza dentro e fora da sala”**, tendo como questão de investigação **“Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”**.

Ao longo do tempo, as cidades têm vindo a crescer e os contextos educativos são vistos como um espaço de “quatro paredes”, o que leva as crianças a terem cada vez menos contato com a natureza. No entanto, vários estudos mostram que o brincar na natureza é benéfico para um crescimento e desenvolvimento integral da criança.

O tema surge com a necessidade de descobrir/investigar de que modo as crianças podem ficar mais ligadas à natureza em ambos os contextos educativos - dentro e fora da sala - beneficiando o seu desenvolvimento em várias dimensões. Apesar de ser um tema que é muito abordado, em Relatórios de Mestrado, é uma temática que permanece atual e é pertinente quando observamos as práticas nos contextos de Educação de Infância.

A investigação tem como objetivo potenciar a relação das crianças com a natureza em ambos os contextos educativos: de forma a identificar práticas pedagógicas que integrem elementos naturais dentro e fora da sala, observar o modo de exploração, o comportamento e o bem-estar das crianças, compreender o impacto das práticas e possivelmente planificar atividades ligadas à natureza.

Para além do interesse académico no tema, o meu percurso pessoal e profissional permitiu que aprofundasse a compreensão das práticas pedagógicas na Educação de Infância. Nesse sentido, apresento o meu percurso: iniciei os meus estudos na área de Educação de Infância em 2014 num Curso Profissional de Educação de Infância, desenvolvendo a Prova de Aptidão Profissional “O Jogo Tradicional no Desenvolvimento da criança”. Posteriormente frequentei o Curso Técnico Superior Profissional de Serviço Familiar e Comunitário, desenvolvendo o Relatório de Estágio “Relação Escola-Família”, seguindo para a Licenciatura em Educação Básica. Durante este percurso estagiei em

ambas as valências, creche e jardim-de-infância em escolas privadas e públicas. Em suma, aprendi a interagir diretamente com as crianças, a ganhar gosto pelas suas interações e brincadeiras, a dar importância à transmissão de afeto, segurança e contato com as famílias, assim como a ser organizada e autocrítica. Posteriormente, comecei a trabalhar em part-time como babysitter e numa creche privada, tendo articulado as minhas capacidades e competências que adquiri no Movimento Escutista desde 2004. Nesse sentido, inscrevi-me no Mestrado em Educação Pré-Escolar em 2022, onde tive a oportunidade de articular as minhas experiências e conhecimentos e toda a minha vivência a nível académico, profissional e pessoal.

Ao integrar o meu conhecimento e prática no Movimento Escutista, desenvolvi dessa forma o tema e a questão de investigação presentes, tendo em conta às interações entre criança-adulto, criança-criança e grupo-espço, no qual observei uma forte dinâmica do grupo com o espaço exterior, a sala e todo o seu envolvente. Querendo aprender a valorizar o trabalho como futura educadora de infância, em conformidade com as educadoras de infância de ambas as valências (creche e jardim-de-infância), tive a oportunidade de intervir juntamente com as suas equipas e os grupos de crianças.

Com este relatório desenvolvi intervenções ligadas à natureza em ambos os contextos educativos ligados à natureza, com a sugestão para que os educadores de infância possam implementar, valorizar na educação ambiental sensibilização para que a natureza seja incluída no quotidianamente na rotina da sala.

O presente relatório está organizado em três capítulos:

O **Capítulo I - Enquadramento Teórico**, abordo a importância da organização do ambiente educativo, a importância do brincar na Educação de Infância e o papel do educador de infância;

O **Capítulo II - Metodologia**, apresento a abordagem qualitativa e a investigação-ação, no qual apresento os procedimentos de recolha de tratamento e análise da informação, abordando posteriormente o perfil do educador de infância e as suas questões de ética;

O **Capítulo III – Caracterização dos Contextos Educativos, Descrição e Interpretação das Intervenções**, são apresentadas as instituições através das

infraestruturas, dos espaços, da organização das salas, dos grupos, das equipas, das rotinas e das intervenções, complementadas com títulos associados, fotografias, notas de campo e reflexões. Por questões de ética é garantido o anonimato das instituições, das educadoras de infância cooperantes, assim como das equipas e dos grupos de crianças: a valência de creche é identificada como instituição A e a educadora de infância como Educadora A; a valência do jardim-de-infância é identificada como a instituição B e a educadora de infância como Educadora B, sendo que os nomes das profissionais de educação e das crianças serão designados por letras.

No final deste relatório, apresento as considerações globais em que reflito sobre o percurso realizado, as dificuldades sentidas e as aprendizagens realizadas, assim como dou resposta à questão de investigação e ao projeto enquanto futura educadora de infância. Posteriormente, são apresentadas as referências bibliográficas e os apêndices que considere relevantes incluir neste Relatório de Projeto de Investigação.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

O Capítulo I é composto por três subtítulos: primeiramente abordará a importância da organização do ambiente educativo; seguidamente a importância do brincar na Educação de Infância, referindo o conceito de brincar e o brincar no exterior; finalizando com o papel do educador de infância, destacando a sua importância, a organização de estratégias de contato com a natureza e a comunicação com as famílias.

1.1. A importância da organização do ambiente educativo

A organização do ambiente educativo em Educação é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Num espaço bem organizado, as crianças encontram segurança para aprender e interagir, promovendo dessa forma a autonomia e a curiosidade.

As Orientações Pedagógicas para Creche (OPC) realçam que:

A organização de um ambiente educativo acolhedor, seguro, inclusivo e sustentável constitui uma das tarefas centrais da ação pedagógica em creche. Inclui aspetos como a organização da instituição educativa, a organização dos espaços interiores e exteriores, bem como dos materiais pedagógicos e recursos que aí são disponibilizados, a atenção ao enquadramento temporal em que a experiência das crianças e adultos tem lugar, bem como a organização do grupo enquanto contexto de intercâmbios sociais, emocionais e culturais. Estas dimensões da organização do ambiente educativo influenciam as relações e interações construídas na creche, entre as crianças e os adultos, entre crianças, entre profissionais e entre estes/as e as famílias. Estas interfaces e relações de influência são reveladoras da necessidade de tais dimensões serem planeadas, monitorizadas e refletidas de forma regular e participada. (Marques, et al., 2024, p. 47)

As OPC (2024) apresentam a importância de planejar espaços internos e externos seguros, acolhedores e estimulantes, tendo em atenção às acessibilidades e à saúde, selecionando e dispondo materiais que devem promover a exploração, a criatividade e o bem-estar, respeitando as necessidades das crianças. Ao ter um tempo pedagógico estruturado e flexível, oferece previsibilidade e segurança, adaptando aos ritmos individuais das crianças, criando transições suaves entre atividades incorporando o

envolvimento dos educadores de infância e das famílias. A organização dos grupos permite uma atenção, interação e participação individualizada, em que a composição e o tamanho devem possibilitar uma abordagem pedagógica que promove o desenvolvimento social, emocional, construção de vínculos e a troca de experiências.

Analisando as quatro perspetivas pedagógicas: a Pedagogia-em-Participação, o HighScope, o Reggio Emilia e a Elionor Goldschimied, (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013) consideraram que é necessário haver saúde e segurança, criando ambientes seguros e saudáveis que promovam o bem-estar das crianças e dos adultos, favorecendo a aprendizagem ativa; organização e flexibilidade de espaços diferenciados adaptados às necessidades e interesses das crianças; conforto em ambientes serenos, acolhedores e adaptados às dimensões das crianças e dos adultos, tendo reconhecimento da identidade familiar; respeito à valorização das formas de interação e comunicação da criança; e integração entre o mundo interior e exterior, aumentando as experiências.

A Pedagogia-em-Participação ainda refere que “(...) o ambiente educativo deveria estar impregnando de oportunidades que refletissem consciência, respeito e responsividade pedagógica” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 24)., tendo em conta à diversidade cultural das crianças e das famílias.

“Na linguagem de Malaguzzi (1998, 2016), o ambiente educativo é um segundo educador” (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 53)., isto é, o educador de infância deve ser capaz de fazer a reflexão crítica sobre o ambiente educativo, que integra as diversas dimensões como os espaços, os materiais, os tempos pedagógicos, as interações, o ciclo de documentação-planificação-avaliação, as atividades, os projetos, a organização dos grupos e o envolvimento com os pais, sendo que a documentação pedagógica serve como suporte para essa mesma reflexão.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE):

O estabelecimento educativo deve organizar-se como um contexto facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, proporcionando também oportunidades de formação dos adultos que nele trabalham. Estabelece procedimentos de interação entre os diferentes intervenientes (entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos), tem um papel na gestão de recursos humanos e

materiais, o que implica a prospeção de meios para melhorar as funções educativas da instituição. O estabelecimento educativo tem uma influência determinante no trabalho que o/a educador/a realiza com o seu grupo de crianças e pais/famílias, bem como na dinâmica da equipa educativa. (Silva I. L., et al., 2016, p. 23)

As OCEPE (2016) realçam a importância de integrar os diversos contextos como os espaços, o tempo e o grupo, para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Destaca que as organizações educativas, devem ser vistas como sistemas dinâmicos em constante interação, onde os espaços internos e externos são planeados para promover segurança, autonomia e criatividade. Ressaltam que o tempo pedagógico precisa de ser estruturado e flexível, dando importância às relações entre crianças, educadores de infância, famílias e comunidades, em que enriquecem o processo educativo e possibilitam uma prática partilhada e adaptada ao meio social e às características de cada criança.

A organização do ambiente educativo é fundamental para promover o desenvolvimento integral das crianças e para criar condições que favoreçam a aprendizagem, a interação social e o bem-estar emocional, onde é possível incorporar “(...) como projeto de humanização através das portas que abre para a ética, o civismo e a cultura” (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 54).

Neto (2022) reforça que os ambientes podem se transformar em espaços de descobertas e aprendizagem quando a criança é livre de explorar.

No entender de Goldschmied e Jackson (1994, 2004), o ambiente físico influencia decisivamente a forma como os profissionais de educação de infância encaram o seu trabalho e a qualidade das experiências que oferecem às crianças. (...) sobre quatro aspetos fundamentais: a criação de um contexto satisfatório, a organização do espaço da sala de atividades, a organização do grupo e os papéis do adulto (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 145).

Isto é, a organização do ambiente é um processo contínuo que envolve a disposição de diversos espaços, onde se garante a acessibilidade e a manutenção dos materiais, em que a organização dos grupos otimiza a atenção e suporte oferecido pelos educadores de infância. Nesse sentido, o educador de infância é visto como organizador,

facilitador e iniciador, criando oportunidades de aprendizagem e promovendo o bem-estar das crianças.

Correia afirma ainda que “Observando a sala, é necessário verificar se os materiais, assim como alguns dos locais de arrumação, devem estar acessíveis à criança de forma que tenha alguma autonomia” (2022, p. 133).

Nesse sentido, a organização do ambiente educativo engloba na sua totalidade em todas as dimensões pedagógicas como os espaços e materiais, os tempos, as interações múltiplas, o ciclo documentação-planificação-avaliação, as atividades e projetos, a organização dos grupos e o envolvimento parental. Um ambiente agradável com diversificação e acessibilidade de materiais que incentivam a criatividade e imaginação, com espaços divididos por áreas que permitem à criança brincar, criando experiências que contribuem para a sua autonomia; um ambiente facilitador em que exista apoio na estruturação da rotina, promovendo um sentimento de previsibilidade e de segurança, que tenha valorização pelo papel do adulto para as diversas interações e planificações, assim como um ambiente convidativo para as famílias.

1.2. A importância do brincar na Educação de Infância

O brincar

O brincar é uma dimensão central na Educação de Infância enquanto processo de aprendizagem natural, torna-se uma ferramenta pedagógica, ou seja, é a brincar que a criança pode construir uma aprendizagem ativa e significativa, desenvolvendo e estimulando as suas diversas habilidades como trabalhar em grupo, resolver conflitos, enfrentarem medos, manipular objetos, etc. Torna-as mais autónomas, incorporando as diversas áreas de conhecimento como a matemática, a linguagem, as ciências, as artes, entre outros.

As OPC afirmam que o brincar “(...) tem um valor insubstituível (...) constitui uma experiência geradora de alegria, satisfação e de múltiplas aprendizagens, envolvendo aspetos relevantes do ponto de vista da vivência emocional, social, cognitiva e física de bebés e crianças mais novas” (Marques, et al., 2024, p. 20). Nesse sentido, realça o brincar como uma atividade central e indispensável para o desenvolvimento da criança. É no brincar que a criança explora os seus interesses e expressa a sua personalidade,

desenvolve as suas competências (motoras, cognitivas e sociais), estimula a sua criatividade, a sua resolução de problemas e promove a sua construção do conhecimento. O ato de brincar contribui para a aprendizagem, para o desenvolvimento de autonomia e para o estabelecimento de relações de respeito e cooperação entre crianças.

O brincar é “(...) como um processo que, em si mesmo, abrange uma variedade de comportamentos, motivações, oportunidades, práticas, habilidades e entendimentos” (Moyles, et al., 2006, p. 13)., em que dá a oportunidade da criança explorar o mundo a seu redor de forma ativa e significativa, expressando de forma livre as suas emoções e habilidades, construindo desse modo o seu próprio conhecimento, nesse sentido, o brincar é visto como uma experiência rica e multifacetada.

De acordo com as OCEPE, o brincar é uma “(...) atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração” (Silva I. L., et al., 2016, p. 105). O brincar é visto como um meio natural de expressão, onde exploram, comunicam e constroem significados; favorece o desenvolvimento da criança nas diversas áreas de conhecimento; permite expressar as suas ideias, tomar decisões, resolver conflitos e interagir com os pares de forma colaborativa; e estimula respeito mútuo e sentimento de pertença para a vida em grupo. O ato de brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas também é uma prática educativa essencial.

Segundo a autora Correia:

Brincar é coisa séria (...) assume um papel bastante importante na vida da criança. Através dela, desenvolve-se a criatividade, a descentração (ao desempenhar vários papéis em simultâneo e assumir diferentes pontos de vista), a resolução de problemas, a tomada de decisão, a sequência causa-efeito, a concentração, o autocontrolo, a motricidade fina e grossa (dependendo da brincadeira), entre outros. Além das competências que promove, a criança organiza e constrói o seu mundo inteiro com base no brincar. (...) uma forma de conhecer e explorar as regras do mundo e do seu funcionamento, é natural a procura da compreensão dos diversos processos através da repetição (2022, pp. 138, 139 e 146).

Neto (2022) afirma que o brincar é como uma ferramenta de liberdade, em que permite que as crianças explorem o mundo e desenvolvam a sua criatividade sem amarras do medo ou dos preconceitos.

A curiosidade origina a orientação para o mundo e desenvolve-se no consentimento dessa orientação. A criança curiosa cria, desde o nascimento, dinâmicas exploratórias do mundo que rodeia e que se expressam, em cada situação, em intenções comunicadas em gestos, olhares, palavras, frases e que se desenvolvem na ação. (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 50)

Na Convenção Internacional dos Direitos da Criança (UNICEF, 1990) no Artigo 31, reconhece que o brincar é um direito fundamental para as crianças e que não é apenas uma fonte de lazer, mas um instrumento de aprendizagem, socialização e desenvolvimento. Reforçando a responsabilidade das famílias, dos educadores de infância e da sociedade em criar condições que respeitem as necessidades e os interesses das crianças.

O brincar no exterior

Brincar no exterior permite à criança estabelecer uma relação próxima com a natureza, desenvolvendo uma consciência ambiental e exploração dos diversos elementos naturais, havendo uma diversificação de texturas, sons, cheiros e temperaturas, a criança estimula os seus sentidos e enriquece as suas experiências sensoriais.

As OPC destacam que:

A existência de elementos da natureza merece um foco particular, tais como a água, terra, areia, árvores de grande porte, arbustos ou plantas, e animais. Este espaço oferece múltiplas possibilidades de observação e exploração para as crianças do ponto de vista do mundo físico, através da incorporação de elementos com potencial multissensorial (por exemplo, sons, cores e aromas variados) e que constituam desafio às possibilidades motoras da criança (por exemplo, através da preferência por superfícies naturais ou da criação de desníveis no solo) (Marques, et al., 2024, p. 50 e 51).

Nas OCEPE (2016) também é destacada a importância do brincar no espaço exterior incluindo o contato e a observação da natureza, que proporcionam experiências

estimulantes para as crianças. Permite-lhes refletir sobre as características e transformações dos seres vivos e dos elementos naturais, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência sobre a importância de preservar o meio ambiente.

Os espaços exteriores oferecem mais liberdade e menos limitações à criança, contribuindo para uma exploração mais autónoma, experimentando diferentes formas de movimento como correr e escalar, valorizando o bem-estar na sua integralidade, isto é, “Um espaço exterior convencionalmente organizado poderá oferecer uma multitude de oportunidades de aprendizagem às crianças, bem como experiências sociais enriquecedoras” (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 156).

A interação com a natureza também é concebida como parte central da perspectiva da Associação da Criança. Efetivamente, a natureza é percebida como um espaço para viver e experimentar, pleno de elementos diversos e similares que criam múltiplas oportunidades para a exploração e a aprendizagem. As crianças envolvem-se na aprendizagem experimental e na construção de significados com um forte dinamismo exploratório (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 21 e 22).

Além disso, Correia (2022) afirma que “O contato com o exterior é essencial para as crianças mudarem de ambiente, processarem outros estímulos, despenderem energia e regularem-se” (2022, p. 132).

Segundo Marques e Pires (2021, p. 328) é importante referir os Direitos Naturais das Crianças, por Zavalloni (2012), pois são fundamentais para que as crianças tenham o reconhecimento, a valorização e o respeito pela aprendizagem do brincar na natureza e pelo processo de desenvolvimento:

1. Direito ao ócio: A viver momentos não programados pelos adultos;
2. Direito a se sujar: A brincar com areia, terra, grama, folhas, água, pedras e galhos;
3. Direito aos odores: A sentir os gostos dos aromas, reconhecer os perfumes oferecidos pela natureza;
4. Direito ao diálogo: A ouvir e poder tomar a palavra, conversar e dialogar;
5. Direito a usar as mãos: A bater pregos, serrar e raspar madeira, lixar, colar, modelar o barro, amarrar cordas, acender o fogo;

6. Direito a um bom início: Comer comidas saudáveis desde o nascimento, beber água limpa e respirar ar puro;
7. Direito à rua: Brincar em praças e caminhar pelas ruas;
8. Direito ao selvagem: A construir um refúgio de brincadeiras na mata, a ter bosques para se esconder, árvores para subir;
9. Direito ao silêncio: A ouvir o soprar do vento, o canto dos passarinhos, o borbulhar da água;
10. Direito às nuances: A ver a alvorada e o pôr do sol, admirar à noite, a lua e as estrelas.

Segundo Oliveira-Formosinho e Araújo (2013), deverá haver condições para: a permeabilidade entre o interior e o exterior, em que as crianças interagem com a natureza; a exploração sensorial direta no qual valoriza uma abordagem multissensorial que integra as cores, as texturas, os odores, os sabores e os sons da natureza, devendo o educador de infância respeitar e estimular a capacidade das crianças de identificar semelhanças e diferenças no mundo natural, promovendo o diálogo e a construção de significado a partir das suas experiências; e o envolvimento em atividades e projetos, em que incentiva atividades em pequenos ou em grande grupo que respondam ao interesse natural das crianças, no qual os projetos pedagógicos exigem uma escuta sensível e atenta do educador de infância aos interesses, motivações e sinais (verbais e não verbais) das crianças para desenvolver experiências significativas e interativas.

“O ritmo do dia é um equilíbrio entre o brincar da criança na natureza e a aprendizagem lúdica intencionalizada pelo educador” (Sobel, 2020, p. 18). Dessa forma, o brincar promove uma abordagem integrada que aproveite os benefícios de ambos os ambientes para o desenvolvimento completo da criança, isto é, permite explorar e experimentar o mundo a seu redor de forma significativa e autónoma, estimula a imaginação, promove a interação individual e coletiva, a resolução de conflitos e de soluções, oferece segurança, incentivando a investigar, questionar e descobrir.

Alana, que é editor redatorial (2017), reforça a importância do brincar livre - o brincar na natureza - ao respeitar o ritmo da criança e do seu papel no desenvolvimento de vínculos e relações sociais. Apesar da dificuldade que muitos adultos têm em reconhecer o direito do brincar como um “trabalho” que se deve ter na infância, tendo o seu espaço e tempo.

1.3. O papel do educador de infância

O educador de infância

As OPC (2024) destacam o papel do educador de infância como central para garantir os direitos e o bem-estar das crianças até aos três anos. Que é capaz de promover experiências educativas de qualidade de forma integrada, envolvendo famílias, equipas e a comunidade. Contribui para a construção de ambientes inclusivos, seguros e estimulantes, enfatizando a importância de uma reflexão contínua no desenvolvimento profissional e da responsabilidade ética e social.

O educador de infância ao ter conhecimento sobre os Direitos das Crianças (UNICEF, 1990) pode: garantir um ambiente seguro e inclusivo; promover a autonomia e a participação ativa das crianças; defender a dignidade e o bem-estar e integrar práticas pedagógicas éticas, contribuindo desse modo para uma educação mais justa e transformadora.

“O papel do educador é multifacetado e complexo. O educador é um observador, um investigador, um provocador de novas experiências e desafios, um mediador e impulsionador da aprendizagem e do desenvolvimento” (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 107). Nesse sentido, o educador de infância tem de ter uma atitude de escuta ativa como base para uma educação participativa e relacional, valorizando os diferentes pontos de vista, as emoções e sem julgamentos. Além disso, para o educador de infância a documentação pedagógica mostra processos de aprendizagem e construção do conhecimento das crianças e dos adultos, manifestando-se na análise e interpretações dos registos de observação entre educadores de infância, as equipas pedagógicas e as famílias.

As OCEPE (2016) realçam ainda, que o papel do educador de infância é fundamental para estimular o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Cria ambientes ricos e diversificados, que possibilitam à criança explorar os seus interesses, tomar decisões e expressar a sua personalidade; integra informações dos contextos de vida das crianças e das suas famílias para planear atividades que promovam a cooperação, o respeito, a participação e o desenvolvimento de competências nas diversas áreas como a comunicação, a matemática, entre outros. A ação do educador de infância é marcada pela escuta ativa, pela valorização de cada criança assim como pela promoção de experiências que incentivam a autonomia e o pensamento crítico.

Segundo o Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância no Decreto-Lei n.º 241/2001 (2001), o educador de infância garante: os espaços e materiais ao organizar o ambiente de forma flexível, utilizando recursos que favoreçam as experiências educativas; a observação, planificação e avaliação, seja individual ou coletiva no planeamento de atividades que atendem às necessidades e objetivos de aprendizagem; a relação e a ação educativa, em que estabelece vínculos que promovem segurança, autonomia e cooperação, envolvendo as famílias e a comunidade; e a integração do currículo, em que desenvolve atividades que abrangem a expressão e a comunicação (oral, escrita, plástica, musical, dramática e motora), o conhecimento do mundo através da observação, exploração e compreensão.

Os educadores de infância reconhecem rapidamente, através das suas observações diárias, que a curiosidade e necessidade de exploração das crianças são, desde muito cedo, cativadas pelas possibilidades da natureza. O papel deste profissional é o de intencionalmente observar e planificar, de forma a que o ímpeto das crianças possa constituir uma fonte de aprendizagem e significado no que concerne às descrições e análises, problemas e interrogações que a riqueza da natureza apresenta, onde perpassam semelhanças e diferenças. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 22)

O educador de infância e as estratégias de contato com natureza

Um educador de infância deve incorporar estratégias de contato com a natureza para oferecer às crianças experiências enriquecedoras e transformadoras, para que a criança aprenda a explorar e a desenvolver a curiosidade e a observação.

“O papel principal do educador é garantir a segurança física e emocional das crianças; o papel secundário é ajudá-las a desenvolver as ferramentas mentais necessárias para navegar pelas experiências fecundas que estão a criar” (Sobel, 2020, pp. 21 - 22).

Na perspetiva de Bilton, Bento e Dias (2017, p. 131) para garantir que as experiências no espaço exterior são benéficas para todos, importa: estar aberto e flexível a diferentes formas de pensar e agir; dar tempo para que os efeitos do trabalho desenvolvido se manifestem; ter espaços de partilha de informação, ideias, dúvidas, etc.; criar um bom sistema de monitorização das experiências das crianças, atendendo aos seus principais interesses e aos aspetos possíveis de melhorar no trabalho desenvolvido pelos adultos. Nesse sentido, o trabalho tem de ser colaborativo, paciente e reflexivo, onde o

diálogo e a adaptação constante são fundamentais para que todos se beneficiem das experiências no ambiente exterior.

Segundo Sobel (2020) antes de ir para o espaço exterior, é necessário: avaliar os potenciais perigos do ambiente; fazer distinção entre recreio e aprendizagem ao ar livre; desenvolver técnicas para a gestão do grupo; criar planos de gestão de risco para comportamentos potencialmente arriscados; identificar os recursos do ambiente que apoiam o brincar e a aprendizagem; articular as atividades ao ar livre com as áreas curriculares; articular o que aprendeu em sala para o ar livre; aprender fenologia; conhecer as identidades e as disposições do grupo; conhecer as experiências de aprendizagem ao ar livre anteriormente vivenciadas pelo grupo e vestir-se apropriadamente para o exterior. Deste modo, a preparação e o planeamento detalhado são essenciais para garantir que as experiências externas sejam seguras, enriquecedoras e alinhadas ao desenvolvimento das crianças.

O educador de infância e as famílias

As OPC destacam um especial trabalho de parceria entre educador e família, referindo que:

Cabe aos/às educadores/as promover o envolvimento das famílias na educação dos seus filhos nesta relação de parceria em que todos contribuem e beneficiam. Este envolvimento é, contudo, um processo que se desenvolve a ritmos diferentes à medida que se vão estabelecendo relações de confiança e de troca de saberes, preocupações, objetivos e modos de fazer. Quando as famílias se sentem acolhidas pela comunidade educativa ganham confiança e gosto em participar. (Marques, et al., 2024, p. 90)

O educador de infância ao construir uma relação de confiança com os pais, assume um elemento facilitador de perceções e expectativas no que acontece no quotidiano da criança, isto é, “A construção de laços é concebida enquanto tarefa central do educador num clima de respeito pelas especificidades de cada contexto familiar, visando o conhecimento mútuo e perspetivando a colaboração (...)” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p. 68).

Nas OCEPE (2016), destaca-se a importância de estabelecer uma comunicação prévia com a família, em que este contato contribui para uma integração mais segura e personalizada. Permite ao educador de infância conhecer o ambiente familiar e as necessidades específicas de cada criança. O diálogo ajuda a esclarecer as dúvidas, alivia as preocupações e cria uma relação de confiança mútua no decorrer do percurso educativo.

Correia complementa esta ligação afirmando que “Uma linha aberta de comunicação entre a família e a escola, assente na visão da criança como a soma dos diversos contextos, permite que as dificuldades que eventualmente surjam possam ser trabalhadas em conjunto” (2022, p. 137).

“O trabalho dos educadores também se estende à construção de parcerias com os pais, percebida como altamente benéfica para um ajustamento favorável da criança aos dois contextos (Ahnert & Lamb, 2003)” (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 86)., em que na abordagem HighScope existem orientações nessa relação como: reconhecer os papéis distintos de educadores e de pais, manter uma comunicação aberta, valorizar o potencial parental e adotar estratégias de resolução de conflitos. Essas estratégias englobam a criação de um ambiente acolhedor para as famílias, a partilha de observações sobre a criança e o incentivo à participação ativa dos pais na vida da creche.

Destacando o receio das famílias sobre o brincar na natureza por Gomes et al., (2022), existe o desconhecimento e preocupação com a segurança da criança, no qual as famílias têm a ideia de que todos os ambientes naturais são inerentes ao perigo. No entanto, abordam uma das propostas em que o educador de infância deve oferecer informações baseadas em vivências dos riscos reais e as medidas de prevenção.

Sobel afirma que “O problema é que os pais e as lideranças escolares têm esquecido de distinguir os riscos dos perigos. Em vez disso, limitaram a sua reflexão à minimização do risco, isto é, eliminar qualquer risco” (2020, p. 44)., no entanto elabora que é preciso “(...) adotar uma abordagem sobre os benefícios do risco que equilibra uma reflexão sobre o risco de alguns comportamentos com uma apreciação dos benefícios desses comportamentos. Não há recompensa sem risco” (2020, p. 44).

Neto (2022) diz que é necessário que as famílias repensem na rigidez que restringem o brincar. Que o medo imposto pode limitar a imaginação e a autonomia das

crianças e que para mudar isso têm de superar essas barreiras para que contribuam no crescimento e resiliência das crianças em ambientes exploratórios. “É fundamental que rompamos com os medos e as inseguranças (...)” (Oliveira-Formosinho, et al., 2018, p. 123).

Outra abordagem mencionada por Eduardo Sá (2014) é a promoção de experiências controladas e supervisionadas pelas famílias, onde podem desenvolver uma relação de confiança com o meio ambiente. Permitindo posteriormente, que a criança desfrute de inúmeros benefícios que a própria natureza oferece.

1.4. Síntese

Ao longo do primeiro capítulo mobilizei alguns estudos, autores e publicações nacionais e internacionais que permitem destacar a importância da organização e promoção de momentos de contacto com a natureza, como espaços proporcionadores de diversas aprendizagens. Neste sentido, as crianças que frequentam contextos educativos, beneficiam se os educadores de infância e as famílias estiverem alinhados, relativamente aos benefícios para as crianças, de momentos em efetivo contacto com a natureza, com espaços, momentos e materiais naturais.

Capítulo II – Metodologia

O Capítulo II é composto por três subcapítulos: o primeiro sobre a abordagem qualitativa e a investigação – ação, o segundo subcapítulo conterá os processos de recolha de tratamento e análise da informação que utilizei ao longo do estágio para desenvolver o Relatório de Projeto de Investigação e o terceiro subcapítulo terá o perfil do investigador e as questões de ética, isto é, o desempenho que uma educadora de infância ao longo da sua carreira e de investigação.

2.1. Abordagem qualitativa e investigação-ação

Ao investigar em Educação é possível compreender os desafios e necessidades dos processos de ensino e aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e transformadoras que promovam uma formação integral e inclusiva, nesse sentido, pode ser vista como “(...) um campo de ação e pensamento multi-referenciado se tomarmos em consideração a diversidade de perspetivas disciplinares, epistemológicas e metodológicas que integra, de formas múltiplas e frequentemente imbuídas de tensões e ambiguidades” (Alves & Azevedo, 2010, p. 1).

Investigação qualitativa

De acordo com os autores Alves e Azevedo (2010) a investigação qualitativa é considerada um instrumento explicativo que atribui significados aos diversos fenómenos em estudo da investigação educativa, que implica práticas e outras perspetivas. Contém características, processos, métodos, procedimentos e implicações, em que ao centrar-se nas questões formuladas engloba uma visão mais compreensiva e integradora, no qual a sua descrição e reflexão dão significado e sentido aos fenómenos educativos.

As características designadas por Bogdan & Biklen (1994) relativamente à investigação qualitativa, enquadram primeiramente no ambiente natural, em que centra na quantidade de tempo no contexto e na escolha de recolha de informação, em que são considerados como instrumentos-chaves de análise; a descrição da situação observada deve ser escrita de forma minuciosa; é estimulante todo o processo realizado antes de chegar aos resultados, uma vez que se manifestam as alterações e/ou mudanças (física, comportamental, ...) dos intervenientes e/ou do ambiente.

Abordando a questão de investigação “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, a investigação qualitativa permite compreender o contexto educativo, explorando como a natureza é incorporada nas rotinas e nas atividades, primeiramente através da observação, promovendo dessa forma uma compreensão profunda de como a interação com a natureza contribui para o bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento da criança, permitindo às educadoras de infância ajustarem as suas práticas pedagógicas.

Investigação-ação

Segundo Watts (1985) citado por Coutinho et al. (2009), a investigação-ação é um processo em que os participantes analisam as suas práticas educativas de uma forma sistemática e aprofundada, usando técnicas de investigação.

Bogdan e Biklen (1994) caracterizam a investigação-ação como forma de recolha sistemática de informação que pode auxiliar na identificação de intervenientes que possam contribuir para a vida do grupo (dentro ou fora da sala) e/ou identificação de situações desafiadoras; obter testemunhos que possam beneficiar os planos de investigação tornando-os mais credíveis, criando um aumento de consciência da existência de um problema formulando assim uma resolução; a reformulação de questões pertinentes, de modo particular ou coletivo, assim como gerar autoconfiança pessoal ou de equipa para o planeamento de estratégias, dado que é difícil empenharmo-nos entusiasticamente num determinado objetivo quando só baseamos em sentimentos, sem dados para basear as nossas posições.

Retomando à questão de investigação “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, a investigação-ação permite-me compreender o tipo de atividades ao ar livre, identificando os obstáculos e simultaneamente as oportunidades de interação entre criança-natureza. Ao basear-me nas observações e reflexões, é possível implementar mudanças práticas na planificação de atividades como por exemplo: a exploração do espaço, uso de materiais, entre outros, dentro e fora da sala. Promovendo, nesse sentido, uma abordagem de compreensão e de transformação das práticas educativas.

Síntese

Em suma, a investigação qualitativa e a investigação-ação são abordagens complementares que oferecem ferramentas educativas, em que uma permite a compreensão e a descrição de experiências da interação criança-natureza, analisando os diversos favores dessa interação e a outra que se foca nos educadores de infância enquanto participantes ativas, capazes de analisar, planificar e avaliar as suas práticas.

2.2. Procedimentos de recolha de tratamento e análise da informação

Os procedimentos de recolha de tratamento e análise da informação são essenciais na investigação, pois permitem organizar, interpretar e dar sentido aos dados recolhidos, garantindo que as conclusões sejam fundamentadas para responder à questão de investigação. Ao longo do estágio foram utilizados diversos métodos de recolha de informação como as notas de campo, o registo fotográfico e as entrevistas semiestruturadas a ambas as Educadoras A e B, tendo como base principal a observação.

Observação

A observação participante “(...) corresponde àquela em que o observador pode participar, de algum modo, na atividade do observado, sem o conteúdo perder a integridade do seu papel de observador” (Dias C. M., 2009, p. 179)., ou seja, o investigador pode envolver-se nas atividades, mantendo o equilíbrio entre a participação e a objetividade para conseguir interpretar e analisar os fenómenos que acontecem.

Qualquer tipo de observação “(...) fornece as informações que você precisa para tomar decisões sobre quando e como intervir com as crianças” (Dombro, Dichtelmiller, & Jablon, 2009, p. 34)., dessa forma, observando o ambiente em que a criança se encontra poderá ajudar a compreender as suas necessidades e os seus interesses, permitindo ao investigador ajustar as suas intervenções pedagógicas adequadamente.

Durante o período de estágio, a primeira observação que realizei na Instituição A foi o interesse e a curiosidade das crianças usarem as cadeiras para conseguirem ficar da altura da janela e observarem o espaço exterior. Perante este momento questioneei a Educadora A como organiza a rotina realizada fora da sala, no qual foi indicado dois obstáculos: espaço exterior degradado e superproteção das famílias. Na Instituição B a

observação realizada e indicada como vantagem, foi a rotina diária do uso do espaço exterior, assim como a existência de áreas dentro da sala interligadas com a natureza.

Desse modo, tive a oportunidade de abordar e desenvolver o tema e a questão de investigação em ambos os contextos educativos.

Notas de Campo

O segundo método de recolha de informação usado foram as notas de campo, em que se baseiam num registo descritivo, contendo mais detalhe na descrição de uma da situação ou de um comentário.

Bogdan e Biklen afirmam que as notas de campo são “(...) o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (1994, p. 150)., isto é, o conteúdo das notas de campo tem como base: a descrição e a reflexão do que é observado. Enquanto na descrição é registado com mais detalhe informações pertinentes, como por exemplo os retratos dos intervenientes (físico e comportamental), a reconstrução de diálogos, o ambiente envolvente (criação de um esboço em desenho ou redigido), relatos de acontecimentos e/ou atividades particulares, indicando se possível a sua data e hora; já na reflexão, abrange o ponto de vista e/ou comportamento do investigador/observador, relativamente às suas ideias, preocupações, preconceitos, erros, sentimentos, possíveis estratégias e planeamentos para a resolução de um problema.

Durante o estágio, tive a necessidade de criar um hábito de escrita, para conseguir captar toda a informação necessária, tendo como principal objetivo a descrição de intervenções relacionadas com o tema de investigação “A natureza dentro e fora da sala”. Através de registos regulares foi possível, escrever, descrever e refletir sobre algumas observações mais significantes.

Registo Fotográfico

O terceiro método de recolha de informação usado foi o registo fotográfico que permitiu-me documentar aspetos importantes do objeto de estudo, garantindo um suporte visual para uma análise detalhada e de interpretação de dados.

Bogdan e Biklen (1994) reforça as três formas de efeito da presença da máquina fotográfica: compensado, explorado e minimizado. Na primeira forma, os participantes sentem a presença da máquina fotográfica e alteram os seus comportamentos, no qual o investigador terá de selecionar o registo para interligar com o objeto de estudo; a segunda forma, o investigador explora o efeito que a máquina fotográfica tem nos participantes, registando diversos comportamentos, interações e a forma de apresentação em determinadas situações; a terceira forma, o investigador tem de tornar a máquina fotográfica invisível através da familiaridade e distração, para que haja um registo de rotina típico e natural de um determinado contexto. Para o registo fotográfico, é necessário e obrigatório a assinatura de um responsável adulto, quando se trabalha com menores, tendo num documento oficioso com a autorização e a explicação do uso dos dados que pretende recolher. Nesse sentido, não haverá indícios de ameaça ou constrangimentos relativamente à privacidade e ao anonimato.

Como investigadora, usei o telemóvel para efetuar o registo fotográfico e vídeo para documentar o meu objeto de estudo. Tendo dificuldades em realizar o registo devido à presença do telemóvel, tive de selecionar algumas informações dando importância à captura de detalhes.

Antes de realizar qualquer registo fotográfico, tive o cuidado de verificar se estava assegurada a privacidade e anonimato dos grupos que acompanhei ao longo do estágio, criando documentos para as famílias autorizarem e assinarem as recolhas audiovisuais. O mesmo continha a descrição do local, qual o tipo de registo a ser realizado, a descrição do uso das fotografias, reforçando a supervisão da educadora de infância cooperante, assim como o agradecimento e a data de aprovação. Em resultado, as famílias foram cooperativas, no qual concordaram com todos os termos prescritos, sem qualquer objeção. A autorização de recolha encontra-se no Apêndice 1.

Entrevistas

Kitwood (1977, citado por Cohen, Manion e Morrison (2018) define três concepções de uma entrevista: a primeira concepção é a transferência de informação, em que o entrevistador cria uma boa relação com o entrevistado, criando perguntas claras para que as respostas sejam fluidas e sinceras; a segunda concepção define que a entrevista pode ser influenciada por valores, ideias, necessidades e emoções diferentes entre o

entrevistador e o entrevistado, podendo ser um fator de risco em obter a informação necessária; a terceira concepção existe uma colaboração na construção da entrevista entre o entrevistador e o entrevistado que propõe compreender os elementos sociais (ex.: papéis, estereótipos e percepções) e as interações cotidianas.

Nesta investigação, o tipo de entrevista realizada foi a entrevista semiestruturada, em que o autor Amado (2017) refere:

As questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado. (p. 208)

A entrevista foi efetuada às duas educadoras de infância: a Educadora A da Instituição A com um grupo de 20 crianças dos 5 aos 36 meses e à Educadora B da Instituição B com o grupo de 25 crianças dos 3 aos 6 anos, com o intuito de compreender a concepção e prática sobre a relação das crianças com a natureza nos contextos de creche e jardim-de-infância.

Para Kvale (citado por Cohen, Manion & Morrison (2018) existem sete etapas de planificação da entrevista: a definição da temática, a concepção do guião, a entrevista, a transcrição, a análise, a verificação e a escrita de relatório.

Seguidamente, foi concebido um guião com questões previamente formuladas, permitindo que as mesmas fossem perguntas abertas para obter as concepções das educadoras de infância cooperantes sobre o tema de investigação.

O guião é composto por oito blocos, contendo o objetivo da entrevista, a apresentação do tema, questões sobre a vida profissional das Educadoras A e B e a sua prática relativamente ao tema deste relatório. Este foi realizado juntamente com a orientadora cooperante e encontra-se no Apêndice 2.

O guião foi enviado antecipadamente para ambas as educadoras de infância e posteriormente executou-se a marcação a data para a realização das entrevistas. Foram explicados os objetivos e o modo como os dados recolhidos seriam usados, tendo por sua vez autorização das mesmas para usar citações verbais e gravação de voz.

A entrevista da Educadora A realizou-se presencialmente na biblioteca da Escola Superior de Educação no Instituto Politécnico de Setúbal com a duração de 20 minutos e a entrevista da Educadora B realizou-se online com a duração de 40 minutos. As entrevistas encontram-se no Apêndice 3.

Após a realização das entrevistas, seguiu-se a etapa de transcrição, na qual os ficheiros de áudio foram convertidos em ficheiros de texto, para posteriormente realizar a análise de conteúdo. A leitura das entrevistas transcritas ajudou a desenvolver um modelo de organização da informação, no qual foi possível indicar os seguintes tópicos em comum das educadoras de infância:

1. A importância da natureza na Educação e no desenvolvimento infantil;
2. As estratégias pedagógicas para promover e fomentar o contato com a natureza;
3. A relação intrínseca entre a criança e a natureza / a aprendizagem pela experiência;
4. O envolvimento e comunicação com as famílias.

A restante informação obtida nas entrevistas será apresentada nas considerações finais, de forma a reforçar a relevância do tema de investigação.

2.3. Perfil do investigador e questões de ética

No início de uma investigação, é indispensável retratar alguns aspetos que influenciam o decorrer do processo de investigação, por outras palavras, a forma como trabalhamos, comunicamos, idealizamos e realizamos tarefas diárias, propostas ou projetos. Dar relevância no seguimento de valores, princípios, reconhecimento e compromisso.

Segundo, a Carta de Princípios para uma Ética Profissional da Associação de Profissionais de Educação de Infância:

(...) é necessário valorizar o desenvolvimento e a disseminação de uma reflexão a respeito do caráter ético. O reconhecimento da complexidade da dimensão ética, assim como o seu desafio, o estímulo sobre a ética da responsabilidade, da ética da comunicação e da ética do encontro com o outro e a importância das Declarações dos Direitos Humanos e dos Direitos da Criança (2011, p. 1 e 2).

É afirmado o profissionalismo na prática numa perspetiva ética, a contribuição para uma cultura de responsabilidade partindo do grupo, a consciência dos seus erros, a promoção de valores e princípios e a constituição de um instrumento de interrogação crítica das práticas realizadas.

Os princípios que são referenciados são: a competência se saber fazer, ser e estar; a responsabilidade de conter atitudes inofensivas perante os outros; a integridade contendo uma conduta honesta, justa e coerente; e o respeito em reconhecer, defender e promover a dignidade de outros.

No qual, engloba um compromisso com o grupo de crianças, as famílias, a equipa, a entidade empregadora, a comunidade e a sociedade, no que diz respeito à inclusão, a igualdade, as aprendizagens, a gestão, a aproximação, a estimulação, a proteção, a valorização, a participação, a comunicação, a disponibilização, a partilha e o apoio.

Rosa (2011) afirma que a conduta ética do educador de infância na comunidade passa por conhecer as características da mesma onde está inserida a instituição; estabelece parcerias com entidades da comunidade; defende os direitos da criança nos vários organismos onde tem representação; participa de forma ativa no combate a situações de maus-tratos e de exclusão; colabora em atividades que dão visibilidade à educação de infância.

É necessário refletir no modo de pensar e agir, originando assim uma procura de atitudes tendo em conta a transmissão de valores, respeito e confiança pelos outros, o cuidar do bem-estar (físico e psicológico) e o trabalhar em equipa numa prática desafiadora. Enfatizando que se deve:

Assumir a profissão na procura de uma articulação dialógica entre o eu pessoal e o eu profissional e Cuidar da sua formação contínua e estar disponível para adequar as suas práticas às exigências de uma profissão que se quer socialmente útil e cientificamente qualificada (APEI, 2011, p. 2).

Como estagiária e investigadora, ao abordar o tema de investigação, devo adotar uma postura que une a nível pessoal e profissional, mantendo um compromisso com uma prática pedagógica que valorize o cuidado, a escuta e o respeito pelo outro; Devo questionar e analisar as práticas para identificar e corrigir possíveis erros, contribuindo

para uma cultura de responsabilidade e ética; Trabalhar em conjunto com a equipa, as famílias e a comunidade para criar iniciativas que aproximem as crianças do meio natural, estimulando atividades que favorecem a exploração e o cuidado com a natureza; Atualizar o meu conhecimento e práticas pedagógicas, de forma a adaptar-me às situações inesperadas que existem na profissão de educadora de infância, sendo socialmente útil e cientificamente qualificada; Desenvolver propostas que incentivem as crianças a interagir e aprender com o ambiente natural.

2.4. Síntese

Ao longo do segundo capítulo, mobilizei estudos e autores que evidenciam como a abordagem qualitativa aliada à investigação-ação proporcionam uma compreensão aprofundada do contexto educativo, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas. Nesse sentido, meu papel é ser uma agente transformadora, promovendo uma prática educativa fundamentada em princípios éticos que potenciem a relação das crianças com a natureza, enriquecendo as suas aprendizagens e o seu desenvolvimento.

Capítulo III – Caracterização dos contextos educativos e descrição e interpretação das intervenções

No presente capítulo caraterizo os contextos educativos onde foram realizados os estágios, estando a informação organizada da seguinte forma: Instituição A, referente à Creche e a Instituição B, referente ao Jardim-de-Infância.

Relativamente à Instituição B, são indicados dois contextos educativos, devido à educadora de infância cooperante B ter terminado o seu tempo em Jardim-de-Infância e ter sido transferida para a Creche, no qual tive de a seguir.

Ambos contém a indicação do momento de estágio, a sua duração e as identificações das salas, as faixas etárias dos grupos e das educadoras de infância.

	Instituição A		Instituição B	
Momento de estágio	1.º Momento	2.º Momento	1.º Momento	2.º Momento
Contexto educativo	Creche	Creche	Jardim-de-Infância	Creche
Duração	07/11/2022 a 18/01/2023	09/10/2023 a 03/11/2023	13/03/2023 a 15/06/2023	23/10/2023 a 03/11/2023
Identificação da sala	Sala Lilás	Sala Laranja	Sala Amarela	Sala Lilás
Faixas etárias	5 meses a 12 meses	24 meses aos 36 meses	3 anos a 6 anos	5 meses a 12 meses
Identificação da educadora de infância cooperante	Educadora A	Educadora A	Educadora B	Educadora B

Tabela 1 – Instituição A e B: Caraterização

Irei posteriormente, descrever as minhas três intervenções de cada contexto educativo, tendo no final de cada uma síntese reflexiva. Realço que cada intervenção tem a essência do brincar e do explorar das crianças que acompanhei, isto porque conterà

notas de campo, descrição de vídeos, conversas e fotografias, e com isso foi possível criar os títulos de cada intervenção realizada.

Intervenções	Instituição A	Instituição B
Contexto educativo	Creche	Jardim-de-Infância
Primeira intervenção	“Olha o Bicho!” 27 de dezembro de 2022	“A Área da Natureza” 8 de maio de 2023
Segunda intervenção	“Natureza no Interior” 9 de janeiro de 2023	“Observar o nosso espaço!” 9 de maio de 2023
Terceira intervenção	“Colar a Natureza” 18 de outubro de 2023	“A Batata-Doce” 16 de maio de 2023

Tabela 2 – Instituição A e B: Intervenções

3.1. Instituição A

Instituição A		
Momento de estágio	1.º Momento	2.º Momento
Contexto educativo	Creche	Creche
Duração	07/11/2022 a 18/01/2023	09/10/2023 a a 03/11/2023
Identificação da sala	Sala Lilás	Sala Laranja
Faixa etária do grupo	5 meses a 12 meses	24 meses aos 36 meses
Identificação da educadora de infância cooperante	Educadora A	Educadora A

Tabela 3 – Instituição A: Caracterização

Infraestruturas e Espaço Físico

O contexto educativo é composto por diversos espaços exteriores e interiores que, apesar de contribuírem para a aprendizagem, apresentam algumas fragilidades.



Figura 1 - Sala Laranja e Lilás



Figura 2 - Refeitório

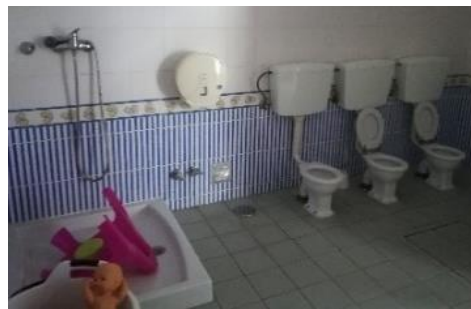


Figura 3 - Casas de banho adaptadas

Nesse espaço partilhado, existem duas portas que levam a dois espaços exteriores distintos: a porta junto da Sala Lilás conduz para espaço exterior que contém um campo de futebol, um espaço verde de relva sintética coberto por um toldo e um parque de areia; a segunda porta perto da Sala Laranja conduz até ao espaço exterior do Jardim-de-Infância, onde se encontram os escorregas, estruturas de madeira de diversos tamanhos, cavalinhos, entre outros, cobertos igualmente por um toldo.



Figura 4 – 1.º espaço: Espaço Exterior (Sala Lilás)



Figura 5 – 2.º espaço: Espaço Exterior (Sala Laranja)

Tendo em conta as faixas etárias das crianças, é imprescindível os cuidados a ter com a segurança, higienização e uso dos espaços exteriores.

O campo de futebol (Figura 4) que tem como base um chão de pedra alaranjado, sendo que não é possível ver a sinalização do campo, observa-se também algumas plantas e pequenos buracos, assim como as balizas de metal sem cordas e com uma rede de arame em volta. A relva sintética coberta pelo toldo contem diversos brinquedos como um escorrega adaptado às faixas etárias das crianças, carrinhos, bonecos faz-de-conta, entre outros e que apesar da proteção do toldo, não é possível usá-lo nos dias de chuva, pois

fica coberto de água. O parque de areia contém alguns materiais de escavação como pás e baldes, no entanto não é usufruído pelas salas, devido a conter dejetos de diversos animais.

No segundo espaço (Figura 5) todo o chão é coberto por uma esponja espessa esverdeada e avermelhada, no qual contem estruturas de madeira e de ferro afixadas como cavalinhos, escorregas, escalada, casinha de faz-de-conta, entre outros. Sendo este coberto por um toldo, é possível usar o espaço em dias de chuva, contudo as proteções dos pilares do toldo não se encontram nas melhores condições. Observa-se ainda caruma no chão, devido a um pinheiro existente perto do espaço, mas que no qual as crianças não têm acesso.

Neste sentido, percebe-se que nenhum dos espaços exteriores permitem explorar a Natureza, isto é, apesar da existência de elementos naturais, estes não são suficientes e/ou não são usados diariamente pelas crianças, sendo que também não existe nenhum objetivo pedagógico para o usufruto destes espaços.

Organização da sala

Uma vez que o ambiente educativo é o primeiro contato formal de muitas crianças com a aprendizagem e a convivência social, a organização da sala deve promover a segurança física e a higiene, estimular o desenvolvimento cognitivo e emocional, facilitar a autonomia e a interação social e apoiar a brincadeira.

i. Salas

a) 1.º Momento de estágio

A Sala Lilás tem a luz natural e janelas que permite visualizar o espaço exterior, verificando assim que esta é um espaço alargado e arejado, contem um espaço delimitado para a higiene individual das crianças - o fraldário, que é um local acolhedor e seguro. No entanto, a sua estética e organização de materiais não se adequa ao uso das crianças, como por exemplo a exposição de brinquedos, ao qual não tem acesso e segurança, isto é, a exposição direta e sem proteção dos aquecedores.

b) 2.º Momento de estágio

A Sala Laranja contém os mesmos aspetos descritos acima sobre o espaço alargado e arejado e ao fraldário. É possível observar o espaço exterior do Jardim-de-Infância e a Horta Pedagógica, sendo esta uma zona agrícola restrita às crianças, pois pertence a outra valência, nomeadamente adultos acolhidos na instituição.

ii. Áreas e Espaços

a) 1.º Momento de estágio

Na Sala Lilás não era perceptível de imediato a organização das áreas, mas consoante as conversas com a educadora de infância e as diversas observações realizadas ao longo do estágio, entendi que existem algumas áreas:

A área da leitura é um armário com uma caixa com livros de diferentes tamanhos, texturas e formatos, no qual as crianças não conseguem chegar, tendo de pedir sempre a um adulto para que ajudasse a alcançar o livro;

A área do tapete conta com dois colchões, almofadas de tamanhos diferentes, na parede um espelho e onde diariamente se faz a canção do Bom-dia;

A área desenho que é composta apenas por uma mesa e algumas cadeiras, em que os materiais se encontram num armário fora do alcance das crianças, sendo necessário a ajuda de um adulto para alcançar o material. Neste armário encontra-se também um saco com instrumentos musicais, um rádio e folhas soltas.

A área do faz-de-conta não contém um espaço específico na sala, sendo que os brinquedos e materiais (bonecos, lençóis, panelas, carros, puzzles, entre outros) estão arrumados em caixas, em que as crianças não conseguem chegar autonomamente devido à altura do armário e uma pequena zona de cozinha móvel;

O fraldário com gavetas etiquetadas com o nome das crianças e os seus devidos pertences;

E o espaço exterior que contém um campo de futebol, uma zona de relva sintética coberta por um toldo e um parque de areia.

A planta da sala encontra-se no Apêndice 4.



Figura 6 – Sala Lilás

b) 2.º Momento de estágio

A Sala Laranja contem as seguintes áreas:

A área da leitura que é composta por uma caixa à altura das crianças que contem livros diferentes, por exemplo, livros com as diversas texturas de pele dos animais, livros com som, entre outros;

O fraldário tem gavetas que estão identificadas com o nome e com a fotografia de cada criança, assim como os seus pertences (fraldas, pomada, toalhitas e roupas), lavatório, caixote do lixo, entre outros. É usado também as casas de banho adaptadas às crianças para a transição da fralda para o bacio;

A área do tapete tem um tapete e um armário com blocos de grandes dimensões, na parede um espelho, onde diariamente se faz o momento e a canção do bom-dia, marcação de presenças e uma caixa com diversos instrumentos musicais;

A área do desenho não está totalmente delineada, porque é apenas composta por uma mesa adaptada às crianças, sendo que estas têm de pedir ao adulto as folhas de papel e os lápis de cor;

A área do faz-de-conta é composta por um armário com diversas divisórias de cozinha: lavatório, cabides, entre outros, tendo objetos adequados e adaptados às idades como copos, mesas, cadeiras, comida de plástico, talheres, bonecos, entre outros;

E o espaço exterior onde se encontram estruturas de madeira, baloiços, ..., cobertos por um toldo.

Ambas as salas têm acesso às casas de banho adaptadas às crianças, onde usufruem diariamente para os seus cuidados de higiene; o refeitório onde realização as refeições do dia-a-dia e onde efetuam alguns trabalhos; o dormitório apesar de ser um espaço longe da sala, é usado como um espaço de descanso e por vezes de atividades, é composto por um armário com as respetivas fotografias das crianças, assim como os catres.

Constituição do Grupo e da Equipa

	Identificação da sala	Faixa etária	Género		Total
			Feminino	Masculino	
Primeiro momento	Sala Lilás	5 meses a 12 meses	10	4	14
Segundo momento	Sala Laranja	24 meses a 36 meses	13	7	20

Tabela 4 – Instituição A: Constituição do grande grupo

a) 1.º Momento de estágio

O grupo da Sala Lilás, que acompanhei era composto por catorze crianças com idades compreendidas entre os 6 meses e os 12 meses e a equipa pedagógica era composta por uma educadora de infância e duas auxiliares de educação.

No decorrer do estágio, fui observando e interagindo com o grupo, tendo a oportunidade de contemplar as suas brincadeiras favoritas como o faz-de-conta, desenhar, cantar e dançar dentro na sala, no espaço exterior havia a brincadeira do faz-de-conta e a observação da natureza como tentar tocar em uma formiga ou apanhar uma planta.

b) 2.º Momento de Estágio

A equipa pedagógica da Sala Laranja manteve-se com a educadora de infância e as duas auxiliares de educação e o grupo teve um acréscimo de seis crianças.

As suas brincadeiras mais frequentes eram o faz-de-conta, brincar com blocos e dançar, sendo que no espaço exterior havia a brincadeira do faz-de-conta, andar nas estruturas (escadas, escorregas, entre outros) e interagir com a natureza como tocar em um caracol, saltar em poças de água e apanhar caruma do chão.

Rotina e Rotinas

Toda a organização da rotina é “(...) um instrumento construtivo para o desenvolvimento da criança, desde que seja planejada para que a criança possa ser independente e autónoma” (Coutinho, Day, & Wiggers, 2012, p. 89).

Ambas as salas tinham uma rotina similar, sendo possível observar algumas diferenças, seguindo a educadora de infância em criar experiências educacionais, ricas e positivas.

Horário de funcionamento	Rotina(s) da Sala Lilás	Rotina(s) da Sala Laranja
7H30	- Acolhimento das famílias e do grupo na sala; - Primeiro reforço do dia	- Acolhimento das famílias e do grupo na sala; - Primeiro reforço do dia
9H30	- Cantar a Canção do bom-dia e/ou leitura de um livro; - Início de atividade e/ou da brincadeira livre; - Segundo reforço do dia	- Cantar a Canção do bom-dia e/ou tocar instrumentos musicais; - Marcação das Presenças; - Início de atividade e/ou da brincadeira livre; - Segundo reforço do dia
10H40	Cuidados de Higiene	Cuidados de Higiene
11H15	Almoço em grande grupo	Almoço em pequenos grupos
12H30	Sesta no CATL	Sesta no CATL
15H	- Cuidados de Higiene; - Lanche	- Cuidados de Higiene; - Lanche
16H	Brincadeira livre	Brincadeira livre
19H	- Terceiro reforço do dia; - Regresso às famílias	- Terceiro reforço do dia; - Regresso às famílias

Tabela 4 – Instituição A: Horário de funcionamento (Rotina(s)) das Salas Lilás e Laranja

3.2. Intervenções

Intervenções da Instituição A			
Contexto educativo	Primeira intervenção	Segunda intervenção	Terceira intervenção
Creche	Olha o bicho!	Natureza no interior	Colar a natureza
Datas	27 de dezembro de 2022	9 de janeiro de 2023	18 de outubro de 2023

Tabela 5 – Instituição A: Intervenções

1.^a Intervenção: “Olha o bicho!”

Desde o começo do estágio, no dia 7 de novembro de 2022, não tive a oportunidade de observar o grande grupo em contato com a natureza. Nesse sentido, propus à Educadora A que a hora da brincadeira livre da parte da manhã fosse no espaço exterior, com o intuito de observar o grande grupo para conseguir planificar as próximas intervenções. Em Apêndice 5, encontra-se a planificação da atividade feita em conjunto com a Educadora A.

Observando o grande grupo, entendi que não iria conseguir registrar o que cada criança estava a explorar, desse modo foquei-me em uma criança - designada por M (1a.7m) - que tinha encontrado um carreiro de formigas na parede do campo de futebol.



Figura 7 – 1.^a Intervenção: M (1a.7m) e as formigas

Apreciando a interação entre a M (1a.7m) e as formigas, decidi começar a gravar o momento, no que resultou em:

NOTA DE CAMPO – 27 DE DEZEMBRO DE 2022, 11H, ESPAÇO

EXTERIOR

Primeiramente, a M (1a.7m) tentou apanhar uma das formigas colocando a mão em formato de pinça, como não conseguiu apanhá-la bateu com a palma na mão na parede e disse “Bicho!” e afastando-se da parede por uns instantes. De seguida, colocou o dedo indicador da parede para tentar tocar numa das formigas, mas só ficou a abanar o dedo de um lado para o outro, da direita para a esquerda e assim sucessivamente. Tentando apanhar novamente uma das formigas, ela começou a bater outra vez com a mão na parede e a verificar se alguma formiga tinha ficado na mão. Demonstrando um sorriso, voltou a colocar a mão em formato de pinça e a focar-se em apanhar uma formiga, desse modo interagi com M (1a.7m) e disse “Vais apanhar uma formiga?”, no qual acenou a cabeça e respondeu rapidamente “Sim!”. Apesar das tentativas, a M (1a.7m) não conseguiu apanhar uma formiga e apenas foi seguindo o carreiro com o dedo indicador na parede.

Reflexão sobre a Intervenção

Inicialmente, tinha o intuito de registar as explorações e brincadeiras do grande grupo no espaço exterior, porém entendi que era uma tarefa muito difícil. Vendo a minha dificuldade em expandir o meu olhar enquanto observadora, a Educadora A aconselhou-me a focar-me numa criança, que por norma não tem contato com a natureza. Não tendo ainda o conhecimento sobre o grande grupo, a Educadora A indicou-me duas ou três crianças, no qual decidi focar na criança M (1a.7m).

Tendo o objetivo de observar o grande grupo, entendi que “Há inúmeros motivos para observarmos os outros. Em primeiro lugar, a simples curiosidade. Mas também observamos para obter informação, que pode ser útil para atingir determinados objetivos” (Cardona, et al., 2021, p. 90)., o que me fez considerar a importância de focar em apenas uma criança, aproveitando essa informação para conseguir fazer posteriormente uma melhor análise da situação e um planeamento flexível.

Durante o registo de gravação, tendo a duração de um minuto, decidi não interagir muito com a exploração da criança M (1a.7m), porque queria observar o seu comportamento perante a presença das formigas, isto porque, entendo que a “A natureza

é uma das primeiras janelas de curiosidade da criança e, é, certamente, a janela que pode ajudar a recuperar o significado da curiosidade (...)” (L’Ecuyer, 2017, p. 77).

Relativamente a esta intervenção, deveria ter feito primeiramente um reconhecimento do espaço exterior, verificando o seu tamanho, elementos naturais e segurança, ter pedido auxílio à equipa pedagógica para realizar o registo fotográfico e ter comunicado à Educadora A o meu objetivo sobre a exploração do espaço exterior.

Perante a questão de investigação: “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, reflito sobre a importância do espaço e do tempo livre no exterior, que por sua vez suscita curiosidade espontânea para a aprendizagem com segurança e liberdade; o foco das experiências, ou seja, a exploração dos detalhes da natureza; a observação para planificar, na perceção do estilo de exploração e de estratégia da criança; a mediação do adulto, no qual oferece presença e apoio sem perturbar a exploração da criança; desenvolver projetos a partir do interesse da criança, seja individual ou coletivo; documentar e partilhar com a comunidade educativa, em que existe a valorização do processo de aprendizagem das suas descobertas.

2.ª Intervenção: “Natureza no interior”

Iniciei o dia a conversar com a Educadora A sobre quando poderia começar a intervenção com o grande grupo, sendo que tinha adquirido os elementos naturais necessários. A Educadora A informou que iria iniciar nessa manhã, mas em pequenos grupos e que ela formaria os grupos. Nesse sentido, concordei porque não conhecia o grande grupo e a sua forma de integração.

Dessa forma, foram criados três grupos: o primeiro grupo era composto por três crianças: FR (1a.8m), L (1a.6m) e o GC (1a.3m); o segundo grupo era composto por quatro crianças: CL (1a.7m), GM (1a.0m), MC (1a.10m) e YT (1a.10m); o terceiro grupo era composto por quatro crianças: CR (1a.9m), BN (1a.8m), VT (1a.9m) e ZR (2 anos).

Fui para a sala preparar o espaço com os elementos naturais e com algumas almofadas para dar conforto às crianças em forma de semicírculo. Para o registo utilizei o telemóvel para gravar cada grupo, sendo que a duração da gravação do primeiro grupo foi de sete minutos, o segundo grupo de dez minutos e o terceiro grupo de dezasseis minutos.

Divisão de grupos	Duração da atividade	Identificação das crianças	Faixas etárias
Grupo 1	7 minutos	FR	1 ano e 8 meses
		LS	1 ano e 6 meses
		GC	1 ano e 3 meses
Grupo 2	10 minutos	CL	1 ano e 7 meses
		GM	1 ano e 10 meses
		MR	1 ano e 10 meses
		YT	1 ano e 10 meses
Grupo 3	16 minutos	CR	1 ano e 9 meses
		BN	1 ano e 8 meses
		VT	1 ano e 9 meses
		ZR	2 anos

Tabela 6 - Instituição A: 2.ª Intervenção - Divisão dos grupos

NOTAS DE CAMPO: 9 DE JANEIRO DE 2023, 10H30, ESPAÇO ATL**Primeiro grupo**

Comecei a interagir dizendo “Uau! O que é que temos aqui? É uma folha!”, colocando a folha à frente da criança GC (1.2) e disse “Queres tocar?”, no qual retirou-a da minha mão. Ao mexer na folha, rasgou-a e assustou-se, mas rapidamente sorriu e continuou a explorá-la.

A criança FR (1a.8m) começou por mexer nas folhas de eucalipto e colocou a pinha na boca, mas rapidamente sentiu que esta picava e disse “Aí!”. No entanto, observei que a pinha não saía da mão dela e perguntei-lhe “Gostaste da pinha?” e ela respondeu “Sim!”. Passado algum tempo, decidi explorar a sala e deixou de ter interesse pela atividade. Por algumas vezes, fui tentando captar-lhe a atenção com os materiais naturais ao qual respondia-me “Não!”.

Como observei que a criança LS (1a.6m) não estava a tocar em nenhum dos materiais naturais, peguei num ramo de pinheiro e disse “Queres tocar?” e ele ficou a admirar o ramo depois na sua mão. Adiante, pediu para esticar a minha mão e brincar com ele, que era tentar encaixar os botões de eucalipto dentro de uma pinha.

De seguida, peguei num ramo com folhas de eucalipto e comecei a sacudir, no qual foram caindo os botões de eucalipto e era possível ouvir as folhas a raspar umas nas

outras, o grupo ficou a observar este movimento durante algum tempo. Passei o mesmo ramo por cima das cabeças das crianças, o que gerou um momento de risos e possivelmente de cócegas. Posteriormente, peguei num ramo de carvalho e decidi cheirá-lo, ao que fiz o mesmo gesto para as crianças GC (1a.2m) e LS (1a.6m), mas estavam distraídos a ver a criança FR (1a.8m) a correr pela sala.

NOTAS DE CAMPO: 9 DE JANEIRO DE 2023, 10H40, ESPAÇO ATL

Segundo grupo

Decidi colocar alguns elementos naturais dentro de um saco grande e o restante no chão e comecei a interagir dizendo “O que está dentro do saco?”. Retirei prontamente uma casca de eucalipto e coloquei no chão e de seguida as pinhas.

CL (1a.7m) ficou admirada ao olhar para os elementos naturais e disse “Uau!”. Ao observar que ela não os pegava, questionei se queria tocar em uma das folhas, abanou a cabeça a recusar, começando a brincar com as almofadas. Posteriormente, ela reparou que o meu telemóvel estava a gravar e começou a falar diretamente para a câmara.

GM (1a.10m) começou a mexer em tudo que estava no chão. Pegou num ramo de pinheiro-bravo e começou a tocar e a abanar de um lado para o outro.

MR (1a.10m), CL (1a.7m) e YT (1a.10m) começaram a andar pela sala. Ao despejar tudo o que tinha no saco para o chão aproximaram-se.

YT (1a.10m), MR (1a.10m) e GM (1a.10m) tocaram em todos os elementos naturais e ficaram durante um longo período com uma folha em uma mão e um pau de madeira no outro. Posteriormente, questionei se queriam tocar na pinha, no qual largaram os elementos que tinham nas mãos e começaram a dar festinhas nas pinhas a rir.

YT (1a.10m) aproximou-se e apontou dizendo “-nha” e respondi “É a pinha!”, de seguida peguei num ramo de eucalipto que tinha botões e ela disse “Pica! Quito?” e respondi “É o eucalipto!”.

MR (1a.10m) agarrou no ramo de eucalipto e começou a tirar os botões de eucalipto. De seguida, deu-me um beijinho, no qual retribui, peguei num ramo de sobreiro e coloquei no nariz para cheirar.

YT (1a.10m) pegou no ramo de sobreiro que eu tinha na mão e fez o mesmo à M (1a.10m), criando uma brincadeira de cócegas na zona do nariz e na cabeça.

CL (1a.7m) apontou para o chão, olhando para mim e disse “Olha! Olha!”.

CL (1a.7m) e GM (1a.10m) começaram a arrastar as cadeiras pela sala. Peguei em uma das cascas de árvore e deixava cair no chão para fazer som e captar a atenção das crianças.

NOTAS DE CAMPO: 9 DE JANEIRO DE 2023, 11h05, DORMITÓRIO

Terceiro grupo

Comecei a interagir dizendo “Trouxe folhas, cascas e pinhas!”, colocando os dois sacos à frente das crianças.

Há medida que ia apresentando os elementos naturais e colocava-os no chão a VT (1a.9m) ia dizendo “Uau!” e iam-se aproximando dos elementos.

VT (1a.9m) recusava tocar em qualquer elemento natural consoante ia-lhe questionando e fixava-se em interagir com a câmara falando.

CR (1a.9m) e BN (1a.8m) agarraram de imediato às pinhas.

BN (1a.8m) começou a dar festinhas no ramo de pinheiro-bravo e ao pegar na pinha, deu à VT (1a.9m), mas esta recusou e pegou numa folha de outono, prontamente apontou para o outro saco para ver o que tinha.

Devido às crianças andarem em pé, tive de alterar a posição da câmara.

Ao cheirar um ramo de carvalho, as crianças aproximaram-se com algum receio, mas também quiseram cheirá-lo. Depois ao abanar o ramo de eucalipto a BN (1a.8m) começou a rir, sendo que a VT (1a.9m) agarrou em outro ramo e imitou o mesmo gesto. Terminado de tirar todos os elementos naturais dos sacos, voltei a alterar a posição da câmara.

CR (1a.9m) acumulada folhas e pinhas entre os braços, que por vezes caíam consoante o seu andar.

Comecei a cantar a canção do “Pinheirinho!” agarrando em um ramo de pinheiro-bravo, no qual todas as crianças se juntaram na roda.

A ZR (2a) tinha acabado de chegar à sala e estive a mostrar os elementos naturais que havia no chão, questionando se queria tocar ou pegar e prontamente disse “Folha!” e a BN (1a.8m) disse “Pau!”



Figura 8 – Elementos naturais



Figura 9 – Primeiro grupo (ATL)



Figura 10 – Segundo grupo (ATL)



Figura 11 – Terceiro grupo (Dormitório)

Reflexão sobre a Intervenção

Dias antes, tinha comunicado à Educadora A que gostava de realizar a exploração de elementos naturais com o grande grupo dentro da sala, explicando que o objetivo era observar a exploração desses elementos, sendo que não havia oportunidade de sair frequentemente para o espaço exterior. Em concordância, a Educadora A afirmou que gostava de acompanhar a atividade e até ajudar no registo.

Nesse sentido, um dia depois fui recolher os elementos naturais à Mata da Machada como frutos (pinhas e botões de eucalipto), ramos e cascas de diversas espécies (pinheiro-bravo e de pinheiro manso, plátano, eucalipto, carvalho e sobreiro), preparando-me para realizar a atividade em um dia da semana, consoante a disponibilidade do grande grupo e da equipa pedagógica.

Aproveitando os elementos naturais que a própria natureza oferece, vi como uma oportunidade de recolher, analisar e usar esses elementos para desenvolver o contato da

criança com a natureza dentro da sala, isto porque, consoante os autores Fochi et al., 2018, os elementos naturais:

(...) cujas possibilidades de peso, textura, tamanho, som, cor, cheiro, bem como formatos diversos, oferecem aos bebês a chance de investigar e descobrir o que é de cada item. (...)”, em que o propósito é “(...) despertar ao máximo, os sentidos dos bebês, instigar a curiosidade, a pesquisa, a investigação (...) (p. 61 e 62).

No dia 9 de janeiro de 2023, informei a Educadora A que tinha os elementos naturais necessários para a atividade e apenas esperava a confirmação dela para poder realizá-la. Nesse momento, a Educadora A afirmou que poderia implementá-la nesse instante, sendo que tinha de o fazer na sala de ATL, em pequenos grupos e sem a presença da equipa pedagógica, porque iriam também efetuar outra atividade em pequenos grupos.

Perante a situação repentina, entendi que iria ser a primeira atividade que realizava sem a presença da equipa pedagógica e que não iria implementá-la conforme planeado inicialmente. Tive uma mistura de emoções, fiquei feliz por saber que a equipa pedagógica confiava em mim para realizar uma atividade sozinha, triste porque abordei a Educadora A diversas vezes sobre a intervenção e que não iria ter ninguém para me ajudar a avaliar e a refletir sobre a atividade e nervosa porque seria a primeira vez que o iria fazer sem a presença da equipa pedagógica.

Os obstáculos que presenciei foram diversos como: a alteração das salas devido à realização de diferentes atividades e momentos de rotina, em que primeiramente não foi possível realizar a atividade na sala e posteriormente tive de o fazer na sala de CATL, deslocando-me depois para o dormitório; a presença do telemóvel para a gravação da atividade, que influenciou a exploração e interesse das crianças pelos elementos naturais; e a ausência da equipa pedagógica na atividade, no qual tive de explicar tudo o que aconteceu à Educadora A para que pudesse ajudar-me a fazer a reflexão da atividade, sendo esta uma dificuldade que possuo.

Entendi que para ser educadora de infância é necessário ser flexível em questão de planeamento e execução de atividades e transmitir segurança e confiança à equipa pedagógica e ao grupo.

Perante a questão de investigação: “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, reflito sobre a sensibilidade aos materiais naturais pela atração, curiosidade, exploração sensorial e a aprendizagem sobre as suas características; o papel do adulto como mediador e facilitador, potenciando uma exploração autónoma, tendo um comportamento de respeito e sensibilização às reações negativas; organização espacial e divisão em pequenos grupos, em que favorece a interação com os materiais, aprofundamento da exploração e a flexibilidade do espaço que dever ser adaptável ao momento e ao grupo.

3.ª Intervenção: “Colar a natureza”

Iniciei a minha intervenção com a introdução da canção sobre o Outono (2015), no qual usei a coluna de som e o telemóvel e à medida que a canção tocava, criava gestos para que o grande grupo pudesse imitar. Realizei este processo quatro vezes.

Dando continuidade à intervenção planeada, fui buscar os elementos naturais fora da sala, mas que no qual me deparo com dois caracóis que se encontravam nas cascas dos eucaliptos, criando assim uma oportunidade de explorar a natureza viva dentro da sala, colocando-os prontamente num recipiente. Desse modo, decidi mostrar ao grande grupo os caracóis e deixar de parte os elementos naturais.

Ao colocar os caracóis nas mãos das crianças, a reação foi positiva, observando momentos de alegria, curiosidade, entusiasmo e de partilha.

NOTAS DE CAMPO: 18 DE OUTUBRO DE 2023, 9H30, SALA LARANJA

Estagiária: Olhem o que tenho aqui! São caracóis!

(Todas as crianças levantaram-se do tapete e aproximaram-se dando risos e olhares encantados.)

Z (2a): Caracol?

Estagiária: Sim, são caracóis. Queres o caracol na tua mão?

Z (2a): Sim!

Estagiária: Está aqui outro caracol, queres tocar YT (1a.10m)?

(YT (1a.10m) pegou na casca do caracol com uma mão e a outra tocava na parte mole mostrando uma cara de ânsia e repulsão simultaneamente.)

Estagiária: BN (1a.8m) queres também tocar?

(Acenou com a cabeça dizendo que não e com cara de aversão.)



Figura 12 – Marcação do Mapa de Presenças e do Mapa do Tempo



Figura 13 – Descoberta dos caracóis em grande grupo



Figura 14 – Descoberta dos caracóis individual

Conversando com a Educadora A, expliquei que gostaria de criar um trabalho com o grande grupo usando os elementos naturais. Dessa forma, a Educadora A afirmou que poderia desenvolvê-lo na parte da tarde, em que me poderia auxiliar se precisasse.

Dessa forma, fui preparando os materiais escolares como lápis, bloco de folhas e cola líquida e distribui os elementos naturais pelos diversos recipientes.

Antes de iniciar a atividade, a Educadora A afirmou que o grande grupo iria passar a tarde no recreio e que poderia realizar a intervenção na sala tranquilamente, dando-me a oportunidade de escolher os pequenos grupos e à medida que terminavam o trabalho trocava por outro grupo e assim sucessivamente, sendo que ela observaria pela janela do

lado de fora e caso precisasse de auxílio, que trocava de lugar com uma auxiliar de educação.

Comecei a criar grupos de duas crianças para que pudesse dar a devida atenção, pois o trabalho consistia em fazer um autorretrato da própria criança com os materiais e os elementos naturais.

Dei às crianças folhas e lápis de cor, no qual começaram a desenhar entusiasmadas, mais adiante decidi demonstrar numa folha a composição do corpo humano, isto é, desenhava um círculo (representava a cabeça), dois círculos pequenos (representava os olhos), e assim sucessivamente e de vez enquanto seguiam as instruções. Algumas crianças seguiam a execução das formas, mas em posições aleatórias na folha, nada obstante, fui deixando as crianças desenharem livremente. Logo depois, mostrei os elementos naturais e começámos a colá-los. As crianças demonstraram dificuldade em colocar a cola líquida no elemento natural, no qual fui ajudando, mas observei que as crianças faziam pressão no elemento natural para que ficasse colado à folha.

Terminado o trabalho com os diversos grupos, abordei à Educadora A a necessidade de criar uma exposição com os trabalhos do grande grupo para demonstrar às famílias. A Educadora A aprovou a ideia e indicou que o faria no dia seguinte.

Tendo a ausência da Educadora A no dia seguinte, falei com a equipa pedagógica sobre a necessidade de criar a documentação pedagógica e mostrar às famílias. Enquanto a equipa pedagógica ficava na sala com o grande grupo, tive a oportunidade de a criar. A documentação pedagógica encontra-se no Apêndice 6.



Figura 15 – Material e elementos naturais



Figura 16 - Desenho



Figura 17 – Escolha dos elementos naturais



Figura 18 – Uso da cola líquida e recalque



Figura 19 – Autorretrato LS (1a.6m)



Figura 20 – Autorretrato Z (2a)

Reflexão sobre a Intervenção

Apesar da minha intenção de mostrar ao grande grupo uma nova música utilizando gestos que incentivassem a participação ativa, não obtive o resultado pretendido, isto é, as crianças não conheciam a música e por isso não realizaram os gestos ou demonstraram qualquer expressão de entretenimento, ficando apenas a observar. Para conseguir cativar o grande grupo, decidi repetir a música e os gestos diversas vezes, sendo que não foi possível alcançar o pretendido. Nesse sentido, entendi que tinha de demonstrar antecipadamente e regularmente a música ao grande grupo antes deste dia.

Independentemente do planeamento para demonstrar os elementos naturais, decidi promover o contato com a natureza viva, que posteriormente enriqueceu a experiência do grande grupo, permitindo que elas tocassem e observassem nos caracóis. Desse modo, penso que encorajei a exploração “(...) dos que despertam mais atenção quando vamos lá para fora: os animais que passam, as pistas que deixam (...)” (Dias, Rosário, & Carvalho, 2014, p. 18). Por isso, foram proporcionados momentos de aprendizagem sensorial e de exploração num ambiente de cooperação e entusiasmo, essenciais para o desenvolvimento integral.

Embora a exploração dos caracóis tenha sido enriquecedora, penso que faltou uma relação mais clara entre a atividade e o tema do Outono, isto é, deveria ter dialogado sobre os pequenos animais que poder-se-iam encontrar no outono.

Relativamente, há atividade realizada na parte da tarde, penso que a preparação prévia dos materiais e a organização dos elementos naturais em recipientes facilitou o fluxo da atividade, assim como a escolha de trabalhar com pequenos grupos de duas

crianças que permitiu ter uma atenção individualizada, promovendo dessa forma um ambiente mais acolhedor e personalizado para cada criança, dando tempo e espaço para a exploração dos elementos naturais e os materiais escolares.

A ideia de realizar um autorretrato com os elementos naturais, tem como base as conversas que tive posteriormente com a Educadora A, pensando nas OCEPE: “A construção da identidade passa pelo reconhecimento das características individuais (...)” (Silva I. L., et al., 2016, p. 34). Criando desse modo, uma intervenção relacionada com o meu tema de investigação, o cumprimento e continuidade do trabalho com os objetivos pedagógicos da educadora de infância.

Esta atividade combinou exploração artística, coordenação motora e criatividade, proporcionando uma experiência rica e integrada. Apesar das minhas orientações com os desenhos do corpo humano, deixei que cada criança desenhasse livremente, incentivando a sua expressão individual, vinculando com a autora Moreira “(...) a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe” (1991, p. 16).

Ao longo da atividade, não compreendi a dificuldade que as crianças estavam a ter ao manusear a cola líquida, sendo que em reflexão com a Educadora A, entendi que o grande grupo ainda não tinha realizado qualquer tipo de atividade com esse propósito. Assim sendo, conclui que, apesar de ter seguido o grande grupo desde o início, ainda não tinha a perceção dos objetivos pedagógicos que tinham alcançado, juntamente com a equipa pedagógica.

Ao expor à Educadora A a importância de criar a documentação pedagógica, senti que valorizei a produção dos trabalhos das crianças, do meu projeto e subsequentemente envolvi as famílias no processo pedagógico, promovendo o vínculo entre a escola e a comunidade.

Senti novamente que a equipa pedagógica colaborou ao ajustar-se às circunstâncias de ficar na sala enquanto expunha os trabalhos o grande grupo, mesmo com a ausência da Educadora A.

Perante a questão de investigação: “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, reflito sobre a criação de um clima de atenção, isto é, explorar a natureza, tornando-a parte do quotidiano; potencializar

os elementos vivos como foco de descoberta, em que a surpresa e a curiosidade transformam em uma oportunidade de conexão e de momentos espontâneos, através do respeito e empatia; a flexibilidade e o papel do mediador, através de imprevistos, mantendo a motivação e o reforço em dinâmica com a natureza; criar arte com os materiais naturais, em que existe uma autorreflexão, apropriação e desafios no uso dos diversos materiais favorecendo a autonomia; organização em pequenos grupos e documentação, em que a aprendizagem em pares garante uma atenção individualizada, com segurança afetiva, valorizando posteriormente o envolvimento do contexto familiar com a experiência.

3.3. Instituição B

Como comuniquei inicialmente neste capítulo, irei apenas abordar o primeiro momento relativamente ao Jardim-de-infância, no entanto coloco a tabela com os dados colocados anteriormente.

Instituição B		
Momento de estágio	1.º Momento	2.º Momento
Contexto educativo	Jardim-de-Infância	Creche
Duração	13/03/2023 a 15/06/2023	23/10/2023 a 03/11/2023
Identificação da sala	Sala Amarela	Sala Lilás
Faixa etária do grupo	3 anos aos 6 anos	5 meses aos 12 meses
Identificação da educadora de infância cooperante	Educadora B	Educadora B

Tabela 7 - Instituição B: Caracterização

Infraestruturas e Espaço Físico

O contexto educativo é composto por diversos espaços exteriores e interiores que, apesar de contribuírem para a aprendizagem, apresentam algumas fragilidades.



Figura 21 - Sala com os respetivos cabides, casas de banho e placar de exposições

Na parte de trás de cada sala do jardim-de-infância, existe um acesso ao primeiro espaço exterior, que também é partilhado com as Salas Parque. Este espaço contém uma grande área de relva e uma árvore que possui um baloiço criado pelas educadoras de infância da creche. Neste espaço há uma casinha de plástico, escorrega e cadeiras de plástico adaptadas às faixas etárias da creche e do jardim-de-Infância, além de outros objetos de casa (pentes, panos, etc.).

Em frente à Sala Amarela, existe uma porta com acesso ao segundo espaço exterior no qual é usada só pelas crianças do jardim-de-infância. Este espaço é composto por grandes estruturas de madeira como escorregas, baloiços, cavalinhos e bancos, contendo um chão de espuma protetor, duas zonas de areia (uma zona pouco usada e outra interdita), uma zona de chão cimentado, uma zona com relva com uma árvore.



Figura 22 – 1.º Espaço exterior (partilhado com as Salas Parque)



Figura 23 – 2.º Espaço exterior (Jardim-de-Infância)

A Figura 22, referente ao primeiro espaço exterior, partilhado com as Salas Parque: a grande área de relva e uma árvore, é possível verificar a limpeza do espaço, sendo que as crianças têm contato direto com a natureza, isto é, brincam diretamente na relva, correm, deitam-se, tentam subir a árvore e apanham as folhas que caem dela. O

único ponto de melhoria que observo é a falta de materiais naturais como troncos e outros tipos de materiais de construção como pás, baldes, entre outros.

A Figura 23, referente ao segundo espaço exterior do jardim-de-infância: as grandes estruturas de madeira como escorregas, baloiços, cavalinhos e bancos, contendo um chão de espuma protetor, são onde decorrem a maioria das brincadeiras de faz-de-conta das crianças; a grande zona de areia foi encerrada, devido a conter dejetos de diversos animais, enquanto que a pequena zona de areia é vigiada pelas auxiliares de educação e que contem brinquedos de escavação como pás, baldes e caixas de diversos tamanhos; a zona da relva onde se encontra a árvore é pouco usufruída, porque não contem nenhum incentivo de brincadeira para que a criança permaneça nesse espaço. Perante a observação na zona pequena de areia, afirmo que era possível criar uma área didática, isto é, conter outros elementos naturais, originando uma cozinha de lama.

Assim sendo, verifica-se que ambos os espaços exteriores permitem uma relação com a natureza, mas existe a ausência de interesse e motivação das crianças para usufruírem nas diversas zonas dos espaços.

Organização da sala

i. Sala

A organização do ambiente da sala é fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. É na sala que a criança encontra os materiais onde a incentiva a ser mais autónoma, ter senso de responsabilidade, estimulando foco e criatividade. Tem de oferecer segurança e incentivar a colaboração e a inclusão. Nesse sentido, a sala é como “(...) um território organizado para a aprendizagem: um lugar de bem-estar, alegria e prazer” (Oliveira-Formosinho, Andrade, & Formosinho, 2011, p. 11).

Na entrada da Sala Amarela é visível a exposição dos diversos trabalhos realizados pelas crianças, assim como a documentação pedagógica criada pela equipa pedagógica. Os cabides têm a identificação de cada criança, tendo a sua fotografia e o nome descrito, assim como os seus pertences (mochilas e casacos). Ao lado da porta encontra-se a casa de banho adaptada às faixas etárias do grupo, contendo lavatórios, sanitas e um armário específico para as garrafas de água. Por sua vez, possui um lavatório e um poliban para

adultos, dois armários com material de limpeza interdito às crianças, um fraldário com material de higiene das crianças.

Sendo designada como Sala Amarela, constato que toda a sala é repleta da cor amarela, em que contemplasse a luz natural e verificasse o cuidado de limpeza e de segurança nos materiais e nas áreas criadas.

Em perspetiva, considerei toda a organização da sala confusa, porque observava diversos cartazes e áreas sem descrição. Posteriormente, em conversa com Educadora B, entendi a forma como esta estava estruturada.

ii. Áreas e Espaços

Observei ao longo do estágio, que as áreas e os materiais iam-se modificando, no qual questioneei à Educadora B o porquê de isso acontecer. Em resposta, foi-me indicado que as áreas estavam a deixar de ser apelativas para a brincadeira e para que isso mudasse decidi comunicar com o grande grupo e entender o porquê. Posteriormente, foram colocados novos materiais e criadas áreas, o que resultou num interesse maior na realização das brincadeiras.

Desse modo, a Sala Amarela contém todos os materiais adaptados à faixa etária, tendo as seguintes áreas:

A área da casinha que contém moveis e objetos respetivos à cozinha ao quarto, sendo esta uma área muito apelativa para o grande grupo;

A área do recorte e pintura é composta por um armário e mesas, contém materiais de pintura (pinceis, tintas, etc.), materiais de artes (brilhantes, autocolantes, etc.), materiais reciclados (jornais, revistas, etc.) e dois cavaletes, é usufruída na maioria pelo género feminino.

A área das construções e exposições que dispõe de uma mesa e um armário com diversos materiais de fim aberto como por exemplo conchas (material natural), rolos de papel higiénico (material reciclável), blocos de madeira (material construtivo), assim como transportes e animais de plástico, entre outros, é usada maioritariamente pelo género masculino.

A área do grande grupo que é caracterizado como o local de reunião, onde são desenvolvidas conversas e projetasse temas do interesse do grande grupo ou de um pequeno grupo. Contem bancos pequenos, um grande calendário do ano letivo (aniversários e festividades), um mapa de presenças, um mapa do tempo, um mapa das idades e um cartaz do herói do dia (em cada dia, uma criança fica responsável por resolver os conflitos que acontecem entre crianças). O grande grupo respeita o preenchimento de cada mapa e gostam de sentir que têm um papel de valorização e respeito quando lhes é denominado como herói do dia.

A biblioteca que é composta por um armário com diversos livros e por vezes é usado uma tenda, onde gostam de se esconder e brincar, porém, não é uma área de interesse para o grande grupo.

A área da escrita é composta por um armário que contem diversas caixas, em que cada uma corresponde a uma criança, estando a sua fotografia e o seu nome escrito, assim como um estojo com os materiais escolares, uma mesa e cadeiras. Esta área é muito usada pelo grande grupo em todos os inícios do dia.

A área dos jogos tem mesas e cadeiras, dois armários que contem puzzles, material de construção (ex.: legos) e um quadro interativo com imanes (letras, números e símbolos matemáticos). É mais usada pelo género feminino.

O laboratório das emoções é composto por uma mesa e duas cadeiras com material de exploração (lupas, globo, microscópio) e um cartaz as diversas cores e associações (ex.: vermelho – zangado, amarelo – alegria, entre outros.). Esta área foi descontinuada e posteriormente foi criada a área do coração com outro objetivo e materiais.

A área do coração fica no lado exterior da sala em que contém uma mesa e cadeiras, uma caixa com materiais naturais (ex.: ramos), um muro com plantas associadas a cada criança, uma palete de madeira em formato de horta com alfaces. Nesta área, as crianças podem usar qualquer material das outras áreas, sendo que é muito usada pelo grande grupo diariamente.

A área da natureza (criada pela estagiária) onde se encontra um aquário com peixes, plantas e um quadro sobre os cuidados a ter com o peixe e as plantas. Esta área era usada na maioria pelo género masculino.

Os dois espaços exteriores: partilhado com as Salas Parque, onde se situa a área do coração e simultaneamente partilhado com as outras salas do jardim-de-infância. Estes espaços são usados diariamente pelo grande grupo.

A planta da sala encontra-se no Apêndice 7.

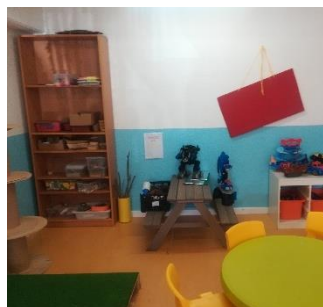


Figura 24 – Área das construções e exposições



Figura 25 – Área do grande grupo



Figura 26 – Área da natureza



Figura 27 – Área do coração

Constituição do Grupo e da Equipa

Identificação da sala	Faixa etária	Género		Total faixa etária
		Feminino	Masculino	
Sala Amarela	3 anos	2	4	6
	4 anos	2	2	4
	5 anos	6	2	8
	6 anos	2	5	7
	Total	12	13	25

Tabela 8 - Instituição B: Constituição do grupo

Na Sala Amarela, o grupo que acompanhei era formado por vinte e cinco crianças com idades compreendidas entre os três anos e os seis anos. Na faixa etária dos 3 anos havia seis crianças, duas do género feminino e quatro do género masculino; nos 4 anos havia quatro crianças, duas em cada género; nos 5 anos havia oito crianças, seis do género feminino e duas do género masculino; nos 6 anos havia sete crianças, duas no género feminino e cinco no género masculino.

A equipa pedagógica era composta por uma educadora de infância e duas auxiliares de educação, sendo que uma das auxiliares de educação acompanhava as crianças da sala e a outra fazia horários rotativos pelas diversas salas da instituição.

Rotina e Rotinas

Horário de funcionamento	Rotinas	Descrição da rotina
7h30	Acolhimento no refeitório; Lanche da manhã	- Conversa entre profissional de educação e família;
9h	Acolhimento na sala	- Arrumar a sala; - Área da Escrita (desenho livre).
9h30	Área do Grande Grupo	- Preenchimento dos mapas (presença, tempo, plano semanal e herói do dia); - Iniciação/ continuação do projeto; - Escolha das áreas para brincar.
11h15	Recreio no Espaço Exterior	- Arrumar o material das áreas; - Colocar chapéus de sol na cabeça; - Indicar regras de segurança.
11h45	Almoço	- Retirar chapéus da cabeça; - Fazer a higiene e beber água; - Colocação da mesa; - Pedir permissão para se levantar da mesa.
13h30	Recreio e Sala	(Realizar a mesma rotina do recreio e da sala)
16h	Lanche e Recreio	(Realizar a mesma rotina que na hora de almoço e do recreio)
17h30	Regresso às Famílias	- Conversa entre profissional de educação e família;

Tabela 9 - Instituição B: Rotina(s)

Consoante a tabela acima, denota-se a importância de haver rotina(s) na sala, isto porque, proporciona segurança, previsibilidade e autonomia, dando um senso de estabilidade e de confiança num ambiente previsível; desenvolve habilidades sociais, na colaboração de tarefas, projetos e brincadeiras; facilita a aprendizagem, a nível da

repetição e consistência ao decorrer do dia; ensina a gerir o tempo e as transições entre atividades, oferecendo a importância de cumprir horários e evitar comportamentos desafiadores no decorrer de mudanças inesperadas; apoia o desenvolvimento emocional das crianças nos diversos momentos do dia, com possibilidade de reconhecer e regular as suas emoções, assim como a equipa pedagógica a nível de organização e planeamento do dia.

3.4. Intervenções

Intervenções da Instituição B			
Contexto educativo	Primeira intervenção	Segunda intervenção	Terceira intervenção
Jardim-de-Infância	“A Área da Natureza”	“Observar o nosso espaço!”	“A Batata-Doce”
Datas	8 de maio de 2023	9 e 10 de maio de 2023	16 de maio de 2023

Tabela 10 - Instituição B: Intervenções

As planificações das intervenções encontram-se no Apêndice 8.

1.ª Intervenção: “A Área da Natureza”

Sendo uma das primeiras intervenções planificadas, tive a oportunidade de realizar apenas uma parte, devido à ausência da Educadora B neste dia.

Para dar início à intervenção aproveitei o momento da rotina de reunião do grande grupo na parte da manhã para explicar a atividade, no qual gerou o seguinte diálogo:

NOTAS DE CAMPO: 8 DE MAIO DE 2023, 10H15, SALA AMARELA

Estagiária: Qual é a área ou o espaço que temos na nossa sala relacionada com a natureza?

Criança 1: A Área do Coração.

Estagiária: É verdade! Mas dentro da sala temos algum espaço destinado à natureza?

Criança 2: Sim, onde está o peixe!

Estagiária: E como se chama a área onde está o peixe?

(O grande grupo ficou a pensar.)

Criança 2: É a Área da Natureza!

Criança 3: E também tem lá as sementes que plantámos.

Estagiária: Isso! Apesar de muitos não se lembrarem, temos a Área da Natureza dentro da nossa sala onde estão as sementes e o peixe. E o que acham que a nossa área precisa mais?

Criança 4: De água!

Criança 5: De sol!

Estagiária: Quem precisa da água e do sol?

Criança 4: As sementes!

Criança 3: Não, é o peixe! Mas também são as sementes, não é?

Estagiária: Olha vamos fazer assim. Para nos organizarmos vou desenhar no quadro os cuidados que precisamos de ter com as sementes e o peixe. Pode ser?

Grande grupo: Sim!

Estagiária: Quais são os desenhos que faço para indicar que as sementes precisam de água e de sol?

Criança 6: Um regador.

Criança 4: Um sol.

Estagiária: Boa! E agora quais são os cuidados a ter com o peixe?

Criança 3: Dar de comida todos os dias e podes desenhar uma caixa com comida.

Criança 7: E limpar o aquário. O desenho do aquário tem de ser redondo.

Estagiária: Muito bem! E para finalizar, para fazer isto tudo o que precisamos mais? (O grande grupo começa a pensar.)

Estagiária: É algo que está dentro do vosso coração.

Criança 3: Amor!

Estagiária: Isso! Quando estamos a cuidar de uma planta, de um animal ou até ajudar um amigo, nós estamos a dar amor.

Criança 3: Vais desenhar o amor? Um coração.

Estagiária: Sim, claro!

Posteriormente, coloquei o quadro na Área da Natureza para que o grande grupo pode-se observar e cumprir com os cuidados descritos.



Figura 28 – Quadro dos cuidados da Área da Natureza

Reflexão sobre a intervenção

Na semana anterior planifiquei as intervenções (Apêndice 8), que iria realizar juntamente com a Educadora B, com o intuito de dar continuidade à prática do seu trabalho. Apesar da sua ausência, ficou estipulado realizar apenas a conversa com o grande grupo relativamente ao meu tema de investigação.

Focando no primeiro momento do dia, a atividade “(...) envolveu a discussão e o desenvolvimento de uma visão partilhada” (Costa, 2014, p. 7)., isto é, a criação de um brainstorming, que levou a cabo a criação de um quadro sobre os cuidados a ter com as sementes e o aquário de peixes existentes na Área da Natureza.

Promovendo a aprendizagem ativa, tive o cuidado de valorizar o conhecimento prévio do grande grupo, questionando sobre a relação da sala com a natureza, estimulando a construção de ideias para chegarem a conclusões por conta própria, ou seja, a nomeação da área e listar os cuidados necessários.

Criei um tipo de registo em que as crianças puderam relacionar o quadro ao usar ao observar e associar aos desenhos e aos cuidados a ter com as sementes e o aquário dos peixes, levando a uma memorização facilitadora e compreensiva para o grande grupo.

Ao introduzir os conceitos abstratos como "amor" e “cuidado”, dei a conhecer algo essencial para cuidar da natureza e dos outros, em que incentiva o desenvolvimento emocional e de empatia. Esta abordagem torna estes conceitos mais significativos e revelantes para as crianças.

Perante a questão de investigação: “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, reflito sobre o reconhecimento e valorização do espaço natural, isto é, desenvolver um sentido de pertença e reconhecimento de um ambiente natural existente dentro da sala; o envolvimento cognitivo e simbólico que facilita a memória, a compreensão abstrata do ciclo natural e a ligação emocional, implementando uma construção coletiva de regras; o desenvolvimento de responsabilidade e de autonomia, que contribui para a atribuição de papéis de cuidado, partilhando responsabilidades através de tarefas diárias; a conexão emocional e ética, que fortalece o respeito e empatia por outros seres vivos, criando uma ponte entre a natureza e as relações humanas que reforça uma ética de um cuidar transversal.

2.^a Intervenção: “Observar o nosso espaço!”

No dia 9 de maio de 2023, conforme planificado (Apêndice 8), realizei a rotina da manhã com a marcação de mapas no espaço exterior, no qual tive a oportunidade de orientar o grande grupo e seguidamente começar a atividade.



Figura 29 - Preenchimento de mapas no espaço exterior

Expliquei ao grande grupo que a atividade consistia em explorar o espaço exterior em pequenos grupos e para isso eram necessários os seguintes materiais: lupas para observar algo de mais perto, uma placa de suporte de folhas, folhas brancas A4 e lápis de carvão para que pudessem registar o que observassem.

Tendo assistido a alguns conflitos dentro dos diversos grupos como a partilha dos objetos de exploração e a escolha de um local para fazer a observação, decidi comunicar com a Educadora B. Foi-me indicado que deveria escolher e implementar os locais e explicar novamente a atividade a cada pequeno grupo.

Ao executar o que me foi aconselhado, apercebi-me que cada grupo começou a registar e rapidamente a apelar pela minha ajuda, comunicando o que tinham descoberto ou o que ainda estavam a descobrir. No decorrer da atividade, o Grupo 3 descobriu algo!

NOTAS DE CAMPO: 9 DE MAIO DE 2023, 10H40, ESPAÇO EXTERIOR

Criança 1: Olha um ovo, Inês.

Estagiária: É um ovo de quê?

Criança 2: De pássaro!

Estagiária: Um pássaro grande ou pequeno?

Criança 3: Pequeno!

Criança 1: De onde veio este ovo Inês? Como é que chegou aqui?

Estagiária: O ovo deve ter caído do ninho e acabou por ficar aqui.

Criança 2: Olha o ovo está partido!

Estagiária: Regista! Desenha o que vês!

Criança 1: Está um passarinho lá dentro!

Estagiária: Não sei se está!

Criança 1: Podemos ver o que está lá dentro?

Estagiária: Sim, podemos!

(A auxiliar de educação L aproxima-se.)

Auxiliar L: O que encontraram?

Criança 3: Um pássaro dentro do ovo!

Criança 1: Encontrámos um ovo, não sabemos se tem um pássaro lá dentro. Pedimos à Inês para ver!

Auxiliar L: A sério? Eu vou buscar luvas, esperem um pouco.

Estagiária: Olhem o ovo com mais atenção! Estão a ver estas cores mais escuras?

Criança 2: Onde?

Estagiária: Aqui! Utiliza a lupa para veres melhor!

Criança 2: Aí! Está mesmo partido! Dá para ver algumas cores, mas tem preto. Está estragado?

Estagiária: O ovo deve estar aqui há algum tempo, por isso tem cores diferentes. Mas não se esqueçam de registar o que veem!

(A Auxiliar L pega no ovo e abre. As crianças aproximam-se.)

Auxiliar L: Veem, não tem nada!

Criança 1: Porque não tem nada? O que é isso laranja dentro do ovo?

Estagiária: Ainda não existe pássaro. Não teve tempo para gerar um pássaro. Antes de eles nascerem e eclodirem, eles são gerados como um líquido e só com o calor da mãe que permanece em cima deles, é que se transformam em pássaros.

Criança 2: Então não há mesmo um pássaro!

Criança 1: Ainda não! Mas pensei que houvesse, fiquei um pouco triste de não o ver!

Estagiária: Não faz mal, terás muitas oportunidades de ver passarinhos a eclodirem do ovo, mas perceberam o que a Inês disse?

Crianças: Sim, vamos continuar a registar!

Estagiária: Boa!



Figura 30 - Grupo 1 a registar no espaço dos baloiços



Figura 31 - Grupo 2 a registar na árvore do baloiço



Figura 32 - Grupo 3 a registar debaixo do escorrega



Figura 33 - Grupo 3 a observar o ovo



Figura 34 - Grupo 3 com a Auxiliar L e o ovo



Figura 35 - Grupo 4 a registar nos bancos coloridos



Figura 36 – Grupo 5 a registar em cima do escorrega

Há medida que os pequenos grupos foram acabando o seu registo, questionaram se poderiam colocar elementos naturais como folhas e pauzinhos de madeira nas suas folhas A4. A concelha da Educadora B, ter-me-ia de adaptar à situação, porque não estava planificado no plano da atividade em usar os elementos naturais, e seguir com o interesse

das crianças, criando dessa forma um trabalho mais completo e rico a nível de aprendizagens.

Desse modo, fui buscar material de artes como a tesoura e a fita-cola, para que o grande grupo pudesse incorporar os elementos naturais nos seus registos.



Figura 37 – Criança de 6 anos a questionar sobre o registo com os elementos naturais



Figura 38 – Escolha dos elementos naturais para os registos



Figura 39 – Colagem e recorte dos elementos naturais nos registos

Ao longo da atividade, a Educadora B e a Auxiliar L foram acompanhando os pequenos grupos, realizando também os registos fotográficos e posteriormente arrumavam o material.

A pedido de diversas crianças, completaram os seus registos dentro da sala ao pintar e desenhar com os lápis de cor, entregando-me posteriormente os seus registos.



Figura 40 , 41 , 42 – Completar o registo dentro da sala com lápis de cor

Dando continuidade à planificação da tarde, a Educadora B ajudou-me a organizar a sala de forma que conseguisse implementar a atividade sem qualquer contratempo, estando a atividade dividida em duas fases: a primeira fase com a visualização de um

vídeo sobre o Ciclo da Vida do Girassol (2020). Esta atividade decorrer de uma solicitação da Educadora B relacionada com a apresentação de uma planta, um ser vivo, tendo me dado a possibilidade de escolher. Assim selecionei o girassol por considerar apelativo e composto por vários elementos que poderia ser interessante para ser observado e registado pelas crianças.

E a segunda fase em que cada mesa da sala correspondia a uma forma de arte diferente para a construção de um girassol, ou seja, a primeira mesa continha folhas brancas A4 e canetas de feltro, a segunda mesa tinha pinceis, tintas e folhas brancas A3 e a terceira mesa continha plasticina.

No decorrer do vídeo, entendi que algumas crianças estavam com dúvidas, questionando o que estava a acontecer: questionaram o porquê de estarem palavras escritas, o porquê de a personagem ter saído de casa, entre outras. Dessa forma, demonstrei o vídeo várias vezes e fui respondendo às questões do grande grupo. Posteriormente, interroguei o que tinham observado e se tinham compreendido a história.

Seguidamente, indiquei ao grande grupo sobre a organização e exposição de cada mesa. Reforcei que cada uma delas tinha um material de artes diferentes e que todos teriam de realizar a construção de um girassol. O grande grupo demonstrou animo e inquietação por começar a atividade.

Diante do desafio de organizar simultaneamente todas as mesas e acompanhar os trabalhos, solicitei o apoio da Auxiliar LR. Expliquei-lhe a dinâmica de toda a atividade e pedi que ela me informasse sempre que um trabalho fosse concluído e que posteriormente recolhesse os devidos trabalhos.



Figura 43 – Visualização do vídeo



Figura 44 – Desenho do girassol



Figura 45 – Pintura do girassol



Figura 46 – Moldagem do girassol

Reflexão da Intervenção

Quando me direcionei para o espaço exterior, onde estava a decorrer o primeiro momento do dia, a Educadora B informou-me que já tinha organizado os materiais e dividido o grande grupo em pequenos grupos para facilitar a transição para a atividade de exploração do espaço. A partir desse momento, dei início ao preenchimento dos mapas em que notei uma distração e agitação do grande grupo, isto porque, seria a primeira vez que realizavam a sua rotina fora da sala.

Posteriormente, ao explicar a atividade para o grande grupo observei comportamentos de apatia como desinteresse ou incompreensão da tarefa, comportamentos de agressividade em que discutiam sobre quem ficava com a lupa e comportamentos empáticos em que começavam a brincar entre si ou com os materiais distribuídos.

Apesar da planificação, tive de ser flexível e adaptar aos novos interesses das crianças durante a atividade, isto é, a descoberta do ovo que levou a um desencadeando uma investigação coletiva e a solicitação para incorporar elementos naturais juntamente com a integração de materiais de artes, o que me permitiu valorizar as suas competências de criatividade, observação e análise.

Dando continuidade à atividade na parte da tarde, a Educadora B questionou-me como quereria prosseguir com a atividade, no qual foi possível organizar a sala com os respetivos materiais de arte de forma que a transição fosse realizada de modo esquemático.

A visualização do vídeo sobre o Ciclo da Vida do Girassol teve como base entender o ciclo de vida das plantas que existiam na Área da Natureza dentro da sala, como por exemplo: entender os conceitos científicos de forma visual e interativa e conhecer a importância dos cuidados a ter diariamente com as plantas. O vídeo foi reproduzido diversas vezes para responder às suas dúvidas e assegurar a compreensão dos conteúdos apresentados. Perante o autor Friedmann entendi que “O enorme desafio de trabalhar com crianças tão diversas e heterogêneas é um dos mais interessantes desafios para um educador e uma fonte de conhecimento incrível para o pesquisador da infância” (2018, p. 82).

Prontamente, questioneei a cada criança por qual a estação que gostavam de começar e que há medida que acabassem o trabalho, que entregassem e fossem para outra estação e assim sucessivamente. As crianças participaram ativamente na construção dos girassóis através de diferentes materiais artísticos, proporcionando uma experiência multissensorial que permitiu-lhes aplicar os conceitos observados no vídeo de forma criativa e personalizada.

Perante esta dinâmica, senti-me sobrecarregada em acompanhar todas as estações sozinha, no entanto a auxiliar de educação LR questionou sobre como poderia ajudar e quais as tarefas a cumprir em cada estação, por exemplo: orientar as crianças na construção do girassol e na escolha de outra área, pendurar desenhos, criar diálogos, observar algo de diferente nas produções plásticas das crianças, entre outros. Com esta coordenação entre estagiária e auxiliar de educação, determinou-se uma ordem de organização e transmissão de segurança no decorrer da atividade, tanto para a equipa pedagógica como para o grande grupo.

Em suma, a intervenção ao longo do dia demonstrou a importância de um planeamento estruturado, adaptando-se às necessidades das crianças, que a exploração do espaço exterior e o registo permitiram uma aprendizagem prática e investigativa, que o uso dos recursos audiovisuais e a atividade artística promoveram uma compreensão profunda e criativa dos conteúdos e a colaboração entre a equipa-pedagógica e a flexibilidade foram elementos-chave para o sucesso e eficácia desta intervenção.

Perante a questão de investigação: “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, reflito sobre a valorização do espaço exterior como na sala, em que o ambiente natural é tão importante quanto a sala, reforçar a aprendizagem multissensorial através do conhecimento empírico à experiência sensorial do movimento e do vento; as ferramentas de exploração, em que reforça o papel ativo na descoberta, tonando-se “um pequeno investigador”, o registo gráfico apoia a memória e a linguagem descritiva; a aprendizagem provocada numa descoberta inesperada, que transforma uma rotina planeada numa situação de curiosidade científica e emotiva, a gestão de emoções e a segurança do uso de material de segurança; a integração multimodal, no uso de um recurso audiovisual que contextualiza cientificamente o tema, que é reforça o vínculo da natureza de forma livre e simbólica, promovendo um trabalho colaborativo e de apoio com a equipa pedagógica.

3.ª Intervenção: “A Batata-Doce”

No dia 16 de maio de 2023, na parte da tarde, dei início à experiência da Batata-doce, informando ao grande grupo como iria decorrer a atividade.

Primeiramente, informei que teriam de ter uma folha de registo, estando esta dividida em retângulos juntamente com o material de escrita como o lápis de carvão, a borracha e a placa de suporte, e conforme o decorrer da experiência tinham de fazer o registo passo a passo nos diversos retângulos, isto é, no primeiro retângulo tinham de desenhar o frasco, no segundo retângulo uma batata dentro do frasco, no terceiro retângulo um palito espetado na batata em ambos os lados continuando dentro do frasco, no quinto retângulo o frasco com a batata e água, para finalizar no retângulo maior tinham de desenhar o resultado da experiência, mais concretamente a germinação das raízes e das folhas.

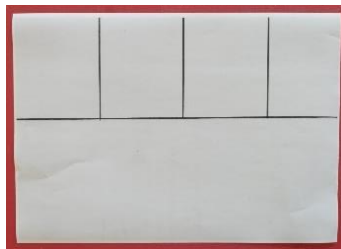
Enquanto explicada a atividade, a Educadora B foi criando as folhas de registo, isto porque, não tinha planeado a forma como iria ocorrer o registo.

Tendo os materiais distribuídos e a atenção do grande grupo, fui explicando diversas vezes o procedimento da experiência, reforçando que esta pediria paciência e cuidado de todos, porque requer atenção aos detalhes e ao respeito pelo tempo natural. Colocando-a posteriormente na Área da Natureza existente na sala, para que diariamente pudessem observar a sua germinação.

Até ao dia 30 de maio de 2023, o grande grupo foi observando a batata-doce na Área da Natureza, lembrando entre si que era necessário regá-la e verificar se houve alguma alteração. Nesse sentido, voltaram a realizar o registo final, em que foi possível ver a germinação das raízes na batata-doce.



Figura 47 – Material de registo



*Figura 48 – Folha de registo
“Passo a passo”*



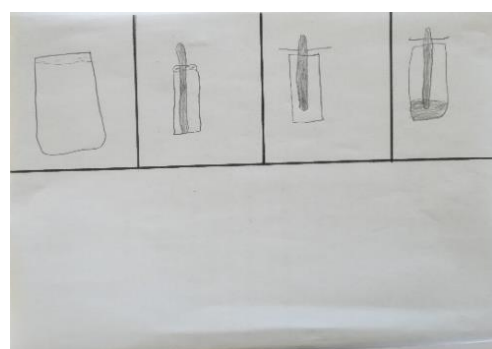
*Figura 49 – Registro de observação
em grande grupo*



*Figura 50 – Experiência Batata-
doce*



*Figura 51 – Registro de uma criança
de 3 anos*



*Figura 52 – Registro de uma criança
de 6 anos*



*Figura 53 – Exposição da
experiência na Área da Natureza*



*Figura 54 – Experiência da Batata-
doce a 30 de maio de 2023*



*Figura 55 – Registro de uma criança
de 4 anos a 30 de maio de 2023*

Reflexão da Intervenção

Esta intervenção demonstrou aprendizagem e aquisição de conhecimento teórico e prático, isto é, existe a vivência, a experiência e a observação em que valoriza cada etapa do processo no conhecimento, que se constrói passo a passo e reforça a ideia de que

os resultados têm o seu tempo, ensinando a importância de observar cada detalhe e do respeito pelo meio natural.

Perante a criação improvisada das folhas de registo pela educadora de infância B, evidenciei a necessidade de adaptação e flexibilidade, demonstrando que na sua prática educativa é necessário valorizar a criatividade e a capacidade de resolver problemas perante qualquer circunstância.

Colocando a batata-doce na Área da Natureza, tornei a sala num laboratório vivo, onde o grande grupo pode acompanhar diariamente a germinação das raízes e das folhas, em que com a criação de uma rotina de observação foi possível fortalecer a conexão das crianças com a natureza, assim como o ensino sobre a responsabilidade, por exemplo: ter o cuidado de regar. Deste modo preparam-se crianças para se tornarem adultos conscientes e cuidadosos com o mundo ao seu redor.

Em suma, a experiência da batata-doce contribui-o certamente para algumas aprendizagens e o interesse das crianças, porque as incentivei a explorar, respeitar e valorizar a natureza, demonstrando que esta não está presa a um único lugar e que existe em todo lado e pode ser apreciada de várias maneiras.

Retomando a questão de investigação: “Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”, reflito sobre a introdução ao método científico e ao tempo natural, no registo de sequência passo a passo, promovendo a compreensão de que a natureza obedece a etapas e a tempos próprios, reforçando a paciência e o acompanhamento diário, criando uma noção de temporalidade biológica; a autonomia e responsabilização no cuidado, em que ao criar um “laboratório vivo” as crianças assumem papéis ativos de “pequenos cuidadores” desenvolvendo o sentido de pertença e de responsabilidade; a documentação e linguagem científica que enfatiza a universalidade do desenho como forma de registo, permitindo às crianças aprenderem a “contar histórias da natureza”, relacionando a causa-efeito; a mediação do adulto como facilitador, demonstrando flexibilidade e explicação do procedimento repetitivamente para que as crianças interiorizassem cada etapa necessária à descoberta.

Considerações Finais

Este Relatório de Projeto de Investigação com o tema **“A natureza dentro e fora da sala”** tentou buscar responder à questão de investigação **“Como potenciar a relação das crianças com a natureza em contexto de creche e jardim-de-infância?”**, através da compreensão das práticas pedagógicas e da implementação das atividades interligadas à natureza, que se evidenciou à importância de proporcionar experiências que possibilitam o contato com a natureza na Educação de Infância.

Ao articular todas as intervenções, as aprendizagens das crianças desenvolvem-se através da curiosidade, da exploração sensorial, do pensamento científico, do registo gráfico, da atenção, da persistência, da autonomia, da expressão simbólica e emocional, da criatividade e da linguagem, que permite-lhes comunicar e partilhar as suas descobertas, construir conhecimento de forma colaborativa e estabelecer ligação emocional e cognitiva profunda com a natureza.

Durante o decorrer do estágio e na realização deste relatório, tive a oportunidade de conhecer os meus pontos fortes como por exemplo a observação focalizada, o registo de documentação (notas de campo, fotografias), a mediação sensível e facilitadora, a flexibilidade, a adaptação criativa, a integração multimodal de recursos e a ligação família-escola, que me permitiu criar atividades e adaptá-las conforme o necessário, lidar bem com imprevistos e transformá-los em novas oportunidades, registar e valorizar cada passo da aprendizagem das crianças e envolver as famílias. No entanto, reconheci que os meus pontos a melhorar são a gestão temporal e de logística, o conhecimento prévio do grupo, a coordenação / delegação da equipa e a continuidade didática, nesse sentido, futuramente, tenho de idealizar planos de tempo que sejam possíveis de cumprir, conhecer antes de cada atividade as habilidades e gostos das crianças, distribuir tarefas entre a equipa e organizar as atividades de forma sequencial para que a aprendizagem seja continua.

Assim realço que os espaços permanentes e as rotinas no espaço exterior e no espaço interior fazem parte do seu quotidiano, a aprendizagem multissensorial, a criação de pequenos grupos e a atenção individualizada, a mediação flexível e facilitadora, o registo científico e artístico e a compreensão dos ciclos biológicos. Dessa forma, as crianças criam uma relação com a natureza, em que desenvolvem a sua curiosidade,

sentido de responsabilidade e competências científicas, emocionais e sociais que enriquecem o seu crescimento.

Importa ainda referir que, nas entrevistas realizadas, e de acordo com os tópicos do guião de entrevista, optei por destacar e dar realce às conceções das educadoras de infância cooperantes sobre a temática em questão e as práticas que tive o prazer de observar e tanto aprender. Os tópicos que realço de seguida referentes às entrevistas das educadoras de infância cooperantes A e B estão organizadas, destacando as questões que foram colocadas e as respetivas respostas. Deste modo, reuni uma síntese de ambas as educadoras de infância cooperantes realçando efetivamente o mais significativo. As entrevistas completas encontram-se no Apêndice 3.

A importância da natureza na Educação e no desenvolvimento infantil: destaca-se o papel da natureza no fortalecimento do sistema imunológico e na promoção de adaptações físicas, dando ênfase à natureza como fonte inesgotável de estímulos que favorece a investigação, a criatividade e a aprendizagem; o contato com a natureza promove interações e autonomia; a natureza é apresentada tanto como recurso para atividades ao ar livre como também para dentro da sala (através da integração de elementos naturais na sala).

As estratégias pedagógicas para promover / fomentar o contato com a natureza: a organização de atividades ao ar livre que estimulam a exploração e o contato direto com a natureza; a utilização de utensílios (ex.: baldes e pás (2023)) que servem para incentivar a experimentação e a manipulação dos elementos naturais; criar atividades que trazem a natureza para dentro da sala (por exemplo: projetos que utilizam folhas, paus ou a simulação de ambientes naturais), estabelecendo uma ponte entre o espaço interior e o espaço exterior; as atividades devem ser planeadas com um propósito, de modo a direcionar os objetivos pedagógicos; a importância de acompanhar as brincadeiras, seja pela observação ativa ou da documentação das experiências, permitindo avaliar a aprendizagem e os feedbacks das crianças.

A relação intrínseca entre a criança e a natureza / a aprendizagem pela experiência: destacam que o simples ato de estar em contato com a natureza, seja através do brincar ou da exploração ativa, gera aprendizagens significativas, que podem ser observadas tanto de forma verbal (em crianças mais velhas) como de forma física, isto é, comportamentos

e reações (em crianças mais novas); mencionam desafios como a necessidade de adaptar as atividades às condições climáticas e a preocupação das famílias e a importância de permitir que as crianças experimentem e aprendam com pequenos riscos, sempre com segurança.

O envolvimento e comunicação com as famílias: a resistência dos pais e a necessidade de estabelecer um diálogo para construir confiança quanto às atividades ao ar livre e à criação de projetos de integração (como os “sacos de caminhadas” (2023)) e na interpretação dos sinais de apreciação e participação dos pais; a documentação (por exemplo: as fotografias e as notas de campo) contribuem para aproximar as famílias do processo educativo e para valorizar as experiências vivenciadas na natureza.

Em suma, as educadoras de infância cooperantes destacaram que o contato com a natureza fortalece o desenvolvimento infantil, que promove a autonomia e a criatividade e que pode ser integrada dentro e fora da sala. Realçaram ainda a importância de planejar atividades com propósito, de envolver as famílias e de valorizar a aprendizagem pela experiência, mesmo perante os desafios como o clima e as preocupações parentais.

Louv (2023) afirma que o contato com a natureza reforça o desenvolvimento da criança; que através do brincar - dentro e fora da sala - é possível criar projetos sensoriais em ambientes seguros e livres; que com o apoio, a participação e o envolvimento das famílias é possível ter uma valorização e partilha das aprendizagens e vivências ligadas à natureza.

Enquanto estagiária valorizei tanto o meu crescimento pessoal como profissional: A nível pessoal valorizo a sensibilização ecológica no criar de um vínculo com a natureza, reconhecendo-a como “parceira de aprendizagens e bem-estar”; ter uma atitude reflexiva, questionando as práticas através do registo das intervenções nos espaços interiores e exteriores; e a minha resiliência perante a segurança e harmonia nas interações com as crianças, assim como manter-me motivada e atenta a qualquer imprevisto. A nível profissional valorizo a observação, ao identificar como cada criança reagiu a estímulos naturais, adaptando as intervenções sempre que possível; a colaboração com a equipa e as famílias em que partilhei “o olhar infantil sobre o mundo natural”; e a criatividade curricular, na criação / continuação de rotinas e intervenções que pudesse trazer a natureza para dentro da sala, através de uma exploração livre, autónoma e de curiosidade.

Com este Relatório de Projeto de Investigação, espero conseguir inspirar novas práticas educativas como por exemplo promover a integração diária da natureza, a explorar aprendizagens multissensoriais, a valorizar a observação e o registo. Abrangendo também possíveis investigações futuras como estudar o impacto da natureza a longo prazo, a analisar diferentes contextos (financeiros, geográficos, etc.), comparar abordagens (por exemplo: pedagogia de floresta e práticas tradicionais) e desenvolver instrumentos de avaliação.

“A floresta é, simultaneamente, um laboratório, um clube e um templo” (Corpo Nacional de Escutas - Secretaria Nacional Portuguesa, 2011, p. 133), isto é, o contato com a natureza: é como uma forma de educar a criança; é uma condição imprescindível para um crescimento pessoal e coletivo; é importante para que a criança se sinta parte integrante da natureza; permite experimentar sensações diferentes e desafia a criança a criar sem destruir com conforto e proteção; através da observação e da comparação, a criança descobre outras formas de viver e compreende o funcionamento dos diversos fenómenos naturais; permite entender as relações sociais; incentiva a consciência crítica em relação à gestão dos recursos naturais juntamente com a sua comunidade; permite adquirir hábitos e comportamentos saudáveis.

Ao concluir este Relatório de Projeto de Investigação, enquanto futura educadora de infância, comprometo-me a caminhar lado a lado com as crianças (na descoberta do mundo natural), a criar espaços de liberdade, respeito e curiosidade, dando oportunidade para crescer, imaginar e cuidar, quero ser uma presença ativa que valoriza a simplicidade das pequenas descobertas de aprendizagem. A minha visão é de uma educação que cultiva e transmite amor, confiança, segurança, sempre num caminho de aprendizagem com possibilidade ao erro.

Referências Bibliográficas

- Alves, M. G., & Azevedo, N. R. (2010). *Investigar em Educação: Desafios da Construção de Conhecimento e da Formação de Investigadores num Campo Multi-Referenciado*.
- Alvim, R. F. (2022). N'A Caravana com Prof. Carlos Neto #162 Libertem as crianças, o medo e brincar no lixo. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=KdEc-x4Frjo&t=3413s>
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2.^a ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra. doi:DOI:<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- APEI, A. d. (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar Livre - oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Cardona, M. J., Silva, I. L., Marques, L., & Rodrigues, P. (2021). *Planear e avaliar na Educação Pré-escolar*. (M.-G. (DGE), Ed.)
- Children & Nature Network. (2023). Vitamin N: A Conversation with Richard Louv. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=yIEl0VvmA9o>
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2018). *Research Methods in Education*. Routledge.
- Corpo Nacional de Escutas - Secretaria Nacional Portuguesa. (2011). *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*.
- Correia, T. (2022). *Laboratório das Emoções - Um livro para pais, educadores e crianças*. Oficina do Livro.
- Diário da República. (2001). *Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto*. Obtido de <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2001/08/201a00/55725575.pdf>
- Dias, C. M. (2009). *Olhar com Olhos de Ver*. Revista Portuguesa de Pedagogia. doi:file:///C:/Users/inesa/Desktop/1265-Texto%20do%20Artigo-3425-1-10-20120928.pdf
- Dias, M. A., Rosário, I. T., & Carvalho, B. P. (2014). *Lá fora - Guia para descobrir a natureza*. Planeta Tangerina.
- Dombro, A. L., Dichtelmiller, M. L., & Jablon, J. R. (2009). *O Poder da Observação*. Artmed Editora.
- Fochi, P., Bitencourt, A. F., Ribeiro, F. M., Dias, F. S., Marques, I. V., Stein, J. M., . . . heck, V. Z. (2018). *O brincar heurístico na creche - Percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil - OBECI*.

- Friedmann, A. (2018). *Escuta e Observação de crianças: processos inspiradores para educadores*.
- Gomes, E. X., Gonçalves, A., Aresta, F., Sousa, S., Rasteiro, A., Kene, V., . . . Mendes, M. d. (2022). Colóquio OutGoing - crianças, natureza e cultura em relação; Sessão de Abertura & Mesa: Experiências OutGoing com crianças. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=oiMLw8bhhp8>
- L'Ecuyer, C. (2017). *Educar na Curiosidade - Como educar num mundo frenético e hiperexigente?*
- Marques, A., Azevedo, A., Marques, L., Folque, M. A., & Araújo, S. B. (2024). *Orientações pedagógicas para creche*. (M. d.-G. (DGE), Ed.)
- Marques, C. M., & Pires, A. P. (2021). Uma Experiência com a Cozinha de Lama em uma Escola Infantil Brasileira. *Sobre os Direitos Naturais das Crianças*. Obtido de file:///C:/Users/inesa/AppData/Local/Temp/0d9a2430-a73f-447f-9a4e-703da6265fbc_Documentos%20Exterior%20e%20Natureza.zip.fbc/Sobre_os_Direitos_Naturais_das_Crianças_Uma_Experi.pdf
- Moreira, A. A. (1991). *O espaço do desenho: a educação do educador*. Loyola.
- Moyles, J. R., Anning, A., Pascal, C., Brown, D., Hislam, J., Savage, J., . . . Hurst, V. (2006). *A excelência do brincar*.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., Andrade, F. F., & Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., Araújo, S. B., Formosinho, J., Lino, D., Folque, M. A., Beyyencourt, M., . . . Sousa, J. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. (P. Editora, Ed.) Porto Editora.
- Rosa, M. D. (2011). Cadernos de Educação de Infância n.º 93. *A formação ética dos futuros educadores de infância*. Obtido de file:///C:/Users/inesa/AppData/Local/Temp/e6fc46f0-e4ae-44f5-8186-1782a16dcf0c_Textos%20Ser%20Educadora%20de%20Inf%C3%A2ncia...-20230110.zip.f0c/%C3%A9tica%20manuela%20Rosa%20CEI93_24_28.pdf
- Sá, E. (2014). Eduardo Sá "Brincar é obrigatório!". Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=DdrHPkoyLC0>
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (M.-G. Educação, Ed.)
- Sobel, D. (2020). *Lá em cima, o céu. Cá em baixo, a lama*. Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).
- UNICEF. (1990). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*.

Outros documentos consultados:

Alana. (2017). Pílulas | Tempo do brincar | Criança e Natureza. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=NqK147AfJnA>

Edições Convite à Música Lda. (2015). When autumn comes (swallows fly) | Seasons. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=e5PmXazHI5A>

Instituição A e B: Projeto Educativo, Projeto Curricular, Projeto de Grupo e Regulamento Interno.

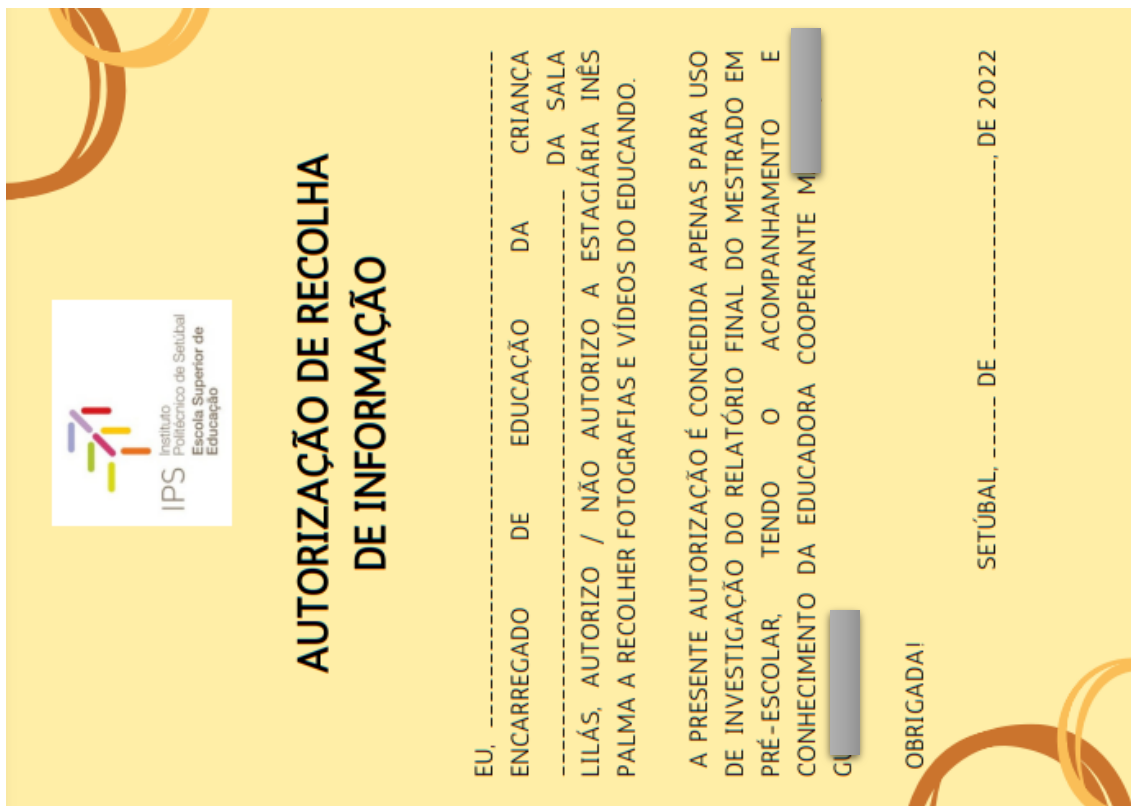
Palma, I. A. (2023). Entrevista - Relação das crianças com a natureza em contexto de creche [E. d. A gravado].

Palma, I. A. (2023). Entrevista - Relação das crianças com a natureza em contexto de jardim-de-infância [E. d. B gravado].

Qual o sentido da vida?// A História Do Girassol. (2020). Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=uE5w3IoSOw8&t=35s>

Apêndices

1. Autorização das famílias do registo fotográfico



AUTORIZAÇÃO DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

EU, _____, ENCARGADO DE EDUCAÇÃO DA CRIANÇA _____ DA SALA _____, AUTORIZO / NÃO AUTORIZO A ESTAGIÁRIA INÊS PALMA A RECOLHER FOTOGRAFIAS E VÍDEOS DO EDUCANDO.

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO É CONCEDIDA APENAS PARA USO DE INVESTIGAÇÃO DO RELATÓRIO FINAL DO MESTRADO EM PRÉ-ESCOLAR, TENDO O ACOMPANHAMENTO E CONHECIMENTO DA EDUCADORA COOPERANTE M. _____

GR. _____

OBRIGADA!

SETÚBAL, ____ DE _____, DE 2022

2. Guião da entrevista

Categorias	Questões e Explicações colocadas
Bloco 1 Introdução da Entrevista	Objetivos: O objetivo desta entrevista é questionar as Educadoras Cooperantes de ambos os Contextos Educativos (Creche e Jardim-de-Infância) sobre a Relação entre a Criança e a Natureza. Adquirindo a possibilidade de observar e questionar a importância que a própria Educadora Cooperante dá à Natureza na rotina das crianças das salas. Período: Possível entrevista online ou presencial, consoante a disponibilidades das mesmas, na duração de uma hora cada. Público-Alvo: As Educadoras Cooperantes dos Contextos Educativos de Creche e Jardim-de-Infância, onde realizei os estágios.
Bloco 2 Apresentação do Tema	Tema: A Natureza dentro e fora da Sala Questão de Investigação: Como potenciar a Relação das Crianças com a Natureza em Contexto de Creche e Jardim-de-Infância?

BLOCO 3 Dados da Educadora Cooperante	Abordar a vida pessoal e profissional da Educadora Cooperante (Habilitações Académicas, Trabalho de Serviço na Área da Educação e no Contexto Educativo, entre outros, ...)
BLOCO 4 Conceções das Educadoras Cooperantes	Qual o seu pensamento sobre a relação da criança com a Natureza?
BLOCO 5 Conhecer a Organização do Tempo e Espaço do Quotidiano Educativo	Qual a periodicidade de contato com a Natureza que a criança tem na sala?
	Com que frequência realiza atividades relacionadas com a Natureza com as crianças da sala?
BLOCO 6 Conhecer as Estratégias que relacionam a criança com o contato com a Natureza	Que tipos de estratégias utiliza para dar ênfase à relação da criança com o contato com a Natureza?
	Tem a intencionalidade de usufruir do Espaço Exterior diariamente?
	Para além do espaço exterior da instituição ser usado, usufrui ainda a Natureza fora da instituição?
BLOCO 7 Conhecer a forma como a Educadora Cooperante implementa as questões relacionadas com a Natureza junto das Famílias	Aborda o tema do contato com a Natureza com as famílias? Como e Porquê?
	Qual a opinião das famílias quando vivência atividades no espaço exterior com as crianças?
BLOCO 8 Aprendizagens realizadas	O que considera mais importante destacar quando a criança está em contato com a Natureza?

3. Entrevistas

EDUCADORA DE INFÂNCIA A

Estagiária: Para começar, queria que falasse um pouco sobre a sua vida pessoal e profissional, habilitações académicas, o trabalho de serviço na área e agora na Instituição que mudou recentemente.

Educadora A: Eu trabalhei 21 anos na Cáritas. Eu tirei o curso de Educadora de Infância já mais tarde, porque era auxiliar de educação e achava que precisava de mais qualquer coisa para evoluir. Tinha muito interesse e então fui tirando o curso no Instituto Piaget de educadora de infância. Saí do Instituto e entrei logo na Cáritas, sempre em Creche. Agora tirei a Pós-Graduação em Ensino Especial, concorri ao Público e entrei este ano, portanto, passei desde trabalhar com crianças de 2/3 anos para trabalhar com jovens de 10.º, 11.º e 12.º e alguns adultos.

Estagiária: Por curiosidade, vale a pena frequentar a Pós-Graduação em Ensino Especial?

Educadora A: Vale a pena. Nós aprendemos imenso, é outro estímulo, porque passar de 21 anos a trabalhar sempre com crianças pequenas, já falta um bocadinho de estímulo para aprender mais e para saber mais.

Embora, seja uma pessoa que anda sempre a tentar ver o que é que há de novo e aprender para a minha prática que já não era a mesma de há 20 anos, portanto era muito diferente. Mas agora deu-me algo para tentar investigar, saber mais sobre algumas dificuldades que os jovens têm a nível de dislexia, hiperatividade que é completamente diferente, que se revela diferente das crianças com 2/3 anos. E então foi muito gratificante e é muito bom. Eu acho que devíamos tirar todos um curso assim, pelo menos para retirar algo, porque nós não pensamos na inclusão das crianças e no Decreto-Lei 54, é muito importante irmos a fundo e incluir crianças com dificuldades, aprendi imenso.

Estagiária: Questionei-lhe sobre este assunto, porque tenho a intenção de dar continuidade aos estudos, especialmente na Área da Educação Especial. Mas quando decidiu frequentar esse curso, pensava em implementar para os pequenos em Creche, Jardim de Infância ou englobar outro tipo de educação?

Educadora A: Sinceramente, eu fui tirar a Pós-Graduação, para além de querer saber mais e porque podia ter tirado em 6 meses e ficava com graduação, vim tirar no IPS de Setúbal, porque sabia que era uma mais-valia. Porque era durante um ano, era presencial e tinha professores como referência. Mas sinceramente, vim tirá-la para poder dar o salto da Creche, devido a todas as questões que há com as Educadoras de Infância. Mas eu apaixonei-me de tal forma pela pós-graduação que já só queria aprender e queria mesmo trabalhar nisto, tanto que eu concorri só mesmo para o ensino especial.

Estagiária: Sendo assim, na sua antiga prática, referente ao meu estágio, o que é que pensava sobre o meu tema, a relação entre a natureza e a criança?

Educadora A: Eu penso que é fundamental essa relação, porque nós perdemos um bocado o contato ao vivermos nas cidades, perdemos um bocado o contato com a natureza, o mexer, em que o sistema imunitário não está preparado para certos climas. Aquilo que nós absorvemos da natureza é importante para o crescimento, para as defesas, para tudo! E o contato com a natureza é a nossa base.

Estagiária: Obrigada! Com que frequência é que realiza ou que periodicidade tem em colocar as crianças na natureza?

Educadora A: Todos os dias elas iam para a natureza. Em Creche, todos os dias eles iam para a rua e brincavam com os bichinhos e com as plantas. Nós tínhamos a sorte de estar numa instituição em que tinham um exterior muito diversificado com areia, com plantas, com bichinhos. Eles todos os dias iam brincar. Mesmo que chovesse, eu tentava que fossem nem que fosse um bocadinho para mexer na água. Quando estava a chover muito, abria as janelas para poderem brincar com água.

Estagiária: Eu não quero estar a contrariar o que me disse, mas este tema surgiu, porque quando comecei o estágio observei nas primeiras semanas que as crianças não iam para a Natureza. Daí ter surgido o tema, mas pouco a pouco consoante as conversas que eu ia tendo consigo, também deparei em outras razões como o tempo/clima e às opiniões das famílias, em que não aceitavam muito bem esta ideia do “ir lá fora”. Mas com o tempo e nesta última fase do estágio, apercebi-me que o tema da Natureza, foi incorporado, em que já iam mais à rua. Neste sentido, só queria criar uma ponte de distinção do que tinha acontecido.

Educadora A: Sim, claro! Isso aconteceu, porque com crianças de 1 ano, os pais têm sempre muito medo. Têm de ter muita confiança no meu trabalho. No início, tem de haver um tempo de confiança e de eles saberem que as crianças vão para a rua e que vão com os casacos, que estão protegidos, mas que precisam de ir à rua. Tem de haver muito diálogo com os pais para depositarem muita confiança no meu trabalho, para perceberem que eles vão para a rua, porque necessitam de ir para a rua. E no início não tinha essa confiança com os pais, mas na última fase do teu estágio, já havia uma relação que foi criada desde o ano passado e já foi diferente.

Estagiária: Sim, senti uma grande diferença de um estágio para o outro! Mas sendo assim, que tipo de estratégias é que utiliza para dar ênfase à relação da criança no contato com a natureza?

Educadora A: Estratégias como assim? Eles brincarem?

Estagiária: Por exemplo, não é só ir para o exterior e deixar brincar. O que é que faz para além disso?

Educadora A: Eu dou-lhes ferramentas, por exemplo, quando vão para a areia, dou-lhes os baldes e as pás. Muitas vezes, faço eu, brinco eu primeiro para lhes mostrar como é que podem fazer. No outro exterior, deixo que eles subam as escadas, que saltem, que brinquem, basicamente é isso.

Estagiária: E a sua intencionalidade diária é de as crianças brincarem no exterior ou tem outros objetivos?

Educadora A: Depende, quando eles vão para a areia, eu observo o tipo de brincadeira que eles fazem, se eles enchem os copos, portanto, o vazio para o cheio, se tem interação entre eles na troca de brinquedo, tocar os instrumentos, por exemplo, quando estão a brincar com os insetos, se têm curiosidade em saber que insetos é que são, o que é que eles fazem, o que é que eles comem?. Tento despertar neles este tipo de curiosidades pela natureza: quais as plantinhas que eles podem apanhar, quais as que não podem apanhar; o que é que podem fazer com as folhas; que podemos apanhar folhas para fazer trabalhos dentro da sala.

Estagiária: Obrigada! E para além do espaço exterior, dentro da instituição, também usufrui fora da instituição?

Educadora A: Por enquanto não. Antes da pandemia, nós tínhamos um dia que íamos explorar a Comunidade, portanto íamos a uma oficina de carros, íamos para o jardim exterior, íamos para os parques. Depois da pandemia, foi mais difícil, porque os pais ficaram um bocado apreensivos e quebrou-se esse hábito de sair da instituição. Mas, no entanto, o ano passado (2021/2022), fomos a uma quinta pedagógica, passamos lá o dia e estiveram a ver os animais, entre outras dinâmicas.

Estagiária: Pelo que percebi, perante as conversas que nós tivemos enquanto estava em estágio, falava sempre muito sobre os pinheiros que estavam lá fora e as ervas altas, mas disse que não iam, porque não estava tratado!

Educadora A: Sim, porque há a lagarta do pinheiro e o ano passado havia muita lagarta. Este ano começaram a fazer o tratamento e daí estar um bocado interdito às crianças. A instituição como é muito

grande existem outras valências, sendo uma delas dos sem abrigo e ficou com esse bocadinho de espaço para fazer as hortas pedagógicas. E se as crianças fossem lá para cima, eles iam destruir das hortas.

Estagiária: Isso é verdade, mas como é que consegue abordar este tema da natureza com as famílias?

Educadora A: No início, é complicado, porque os pais têm muito medo do frio, de sujar. Logo nas primeiras reuniões, seja geral ou individual, explico que é mais importante as crianças brincarem do que irem limpos para casa, que é mais importante sujar e brincarem do que terem uma roupa bonitinha, porque eles não vão para uma passagem de modelos, que as roupas têm de ser a confortáveis e que dê para eles se suja. Portanto, logo aí é uma barreira, a roupa, o sujar os sapatos, a areia que vai para casa, deve-se explicar muito bem que por vezes as crianças ao andarem na rua, o sistema imunitário fica mais forte. Os pais acham que o frio, a chuva, o sol, seja o que for, encontram sempre uma barreira. Tem de se explicar que com os devidos cuidados, que as crianças precisam de ter o “sentir”, por exemplo, quando estão todos transpirados e nós (equipa) tiramos os casacos e os pais reclamam e questionam porque é que as crianças estão sem os casacos, mas é mais saudável estarem sem os casacos do que estarem a correr todos transpirados. Eu tento, em ambas as reuniões, focar na importância do brincar na rua e brincar na natureza.

Estagiária: E já vivenciou/ouviu alguma opinião assim mais forte de alguma das famílias ou é algo geral?

Educadora A: É algo geral, mas eu já tive uma mãe em que a bebé foi para casa com os sapatos todos sujos, os sapatos eram novos e penso que tenha sido num ato de loucura que a mãe disse “Eu prefiro que a minha filha não brique do que ter os sapatos sujos!”, mas depois foi para casa pensar e chegou à conclusão que é preferível a bebé brincar. Mas há muita resistência por parte dos pais, no entanto, há outros pais que até me mandam ao fim de semana fotografias, por exemplo, um pai mandou uma fotografia da família toda a brincar, a tirarem os ovos das galinhas, a brincarem com as botas de borracha nas poças de água. Pronto, eu tento sempre dar um feedback positivo e que é muito bom fazerem isso com os seus filhos, que é para incentivar a que os outros pais também o façam. No grupo (whatsapp) tento incentivar os outros pais, que é mais importante o brincar na natureza do que estar em frente ao telemóvel ou à televisão quietinhos no sofá.

Estagiária: Sim, isso é verdade, mas eu acho que também isso acontece porque há muitos pais que são pais pela primeira vez e têm aquele receio e há demasiada proteção, mas também porque não estão informados.

Educadora A: Daí o nosso papel de incentivar e de informar, que é importante que se estude os benefícios que há de brincar na natureza, para podermos ter argumentos para quando os pais dizem algo, para conseguirmos argumentar e passar confiança de que tudo vai correr bem.

Estagiária: Então escolhi um bom tema para argumentar! Sendo assim, o que considera mais importante destacar quando a criança está em contato com a natureza?

Educadora A: Acho que não há assim nada que seja importante, porque depende do sítio, depende do tempo, depende de muita coisa: se há pássaros, destaca-se o voo dos pássaros, como acontecia muitas vezes, quando eles olhavam pela janela e viam uma família de corvos; quando é altura das abelhas, destacava-se

que eram importantes; a chuva, o sol, as nuvens, por vezes, deitávamos na relva artificial e víamos as nuvens a passar, ver as suas formas e aparências. Mas também depende das idades entre 1 ano e os 3 anos, no entendimento, os mais velhos conseguem perceber. É este tipo de resposta que procuras?

Estagiária: Por acaso, é uma outra forma de compreender a questão, mas está a ir bem e entendo o que quer transmitir. Na minha opinião, as crianças de 1 ano também conseguem absorver as aprendizagens consoante aquilo que fazem diariamente na sala e fora dela. É apenas a minha perspetiva sobre a diferença de idades.

Educadora A: Todos eles aprendem, mas o feedback é mais visível aos 3 anos, porque já falam, já interagem mais, enquanto os pequeninos também interagem e vê, mas não dão um feedback verbalmente, pelo menos.

Estagiária: Sim, o feedback é diferente.

EDUCADORA DE INFÂNCIA B

Estagiária: Esta entrevista tem como objetivo entrevistar as Educadoras Cooperantes relativamente ao meu tema da tese “A Natureza”, que já tinha abordado consigo diversas vezes ao longo do estágio. Para começar, gostaria que abordasse um pouco sobre sua vida pessoal e profissional, que referisse o seu tempo de serviço na instituição e na área da educação.

Educadora B: Chamo-me MC e tenho 42 anos. Cheguei ao mundo da educação sem esperar, foi o facto de começar a estudar à noite e trabalhar de dia. Na altura encontrei trabalho como auxiliar e comecei a pôr os olhos na educação. Tinha 19 anos quando isto me aconteceu, portanto em 1989, em que ainda tinha todo um percurso pela frente para poder escolher aquilo que queria ser. O contato com as crianças é que me fez olhar e pensar “Isto também é uma opção de vida!”, porque o que eu queria era Psicologia Criminal, não era educação, não estava para aqui virada.

Ingressei na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich em 2001 e terminei o curso em 2005. Em termos de suporte académico, era uma escola que olhava para o ser, para saber ser enquanto pessoa. Posso dizer que o primeiro ano de faculdade foi um “partir pedra”, no sentido, em questionar quem é que eu sou e às vezes eu pensava, “Mas eu vim para aqui fazer o quê? Eu quero ser educadora e agora estou aqui a fazer um concurso de autoconhecimento?”. Foi o que me fez abrir a mente e pensar, como é atualmente é Portugal, o que é fazer a educação, o que eu quero fazer, como era acolher uma família, como acolher um grupo e o respeito por toda a individualidade de todas as crianças e todas as famílias. E sempre nesta posição do não julgamento.

Há uma das grandes frases de Maria Ulrich que era algo assim parecido “As crianças de hoje são os homens de amanhã!”, mas era no sentido de responsabilidade que nós tínhamos enquanto educadores na formação destes seres, ou seja, vocês ponham os olhos nestes meninos, porque estes meninos são os homens de amanhã. É uma frase muito impactante, antiga, mas extremamente atual. É uma frase que a gente leva para a vida, principalmente enquanto profissional de Educação.

Sou licenciada e num futuro próximo gostaria de frequentar o Mestrado, espero que no próximo setembro que consiga ingressar.

Tenho 18 anos de serviço, isto é, sou educadora há 18 anos. Quando terminei o curso, fui trabalhar para uma instituição que era ..., a fazer uma substituição e foi uma experiência única, porque eu tinha estado lá enquanto criança e eu fui apanhar as minhas auxiliares, mas eu como educadora, ou seja, eu era a MH. É verdade que ainda estava verde, porque tinha acabado o curso, é aquele pensamento de “Eu tenho que me impor que eu é que sou a educadora!” e trazemos esta imagem connosco, mas o que é certo é que elas me mimavam como se eu fosse uma criança outra vez. Foi um bom começo, porque foi um começo mimado, amado e engraçado, mas efetivamente não foi um começo profissional de todo. Quando passei a trabalhar na ... , ao fim de 3 meses de estar a trabalhar lá, quis me vir embora, porque tive uma auxiliar que me dava mal, mas atualmente adoramos-nos. Se calhar porque na altura as nossas vidas estavam desencontradas, com outras responsabilidades como de filhos, vida pessoal, entre outras. Tentávamos em ambiente de trabalho, deixar do lado de fora as nossas problemáticas, mas somos todos seres humanos e muitas vezes não conseguíamos, mas depois acabamos por dar a volta por cima e as coisas foram correndo naturalmente. Mas senti que o primeiro ano foi horrível e pensei “Maldita a hora que eu escolhi este curso”.

Estagiária: Gostava de perguntar, seguir Mestrado de quê? Em Pré-Escolar? Sendo que só realizou o bacharelato?

Educadora B: Mestrado em Ciências das Emoções.

Estagiária: Desculpe, a minha ignorância, mas existe esse tipo de Mestrado?

Educadora B: É uma área que tem de abranger todas as idades e, para além disso, tem de me dar bagagem. Um objetivo meu é sair dali, mas nunca deixar de ser quem soube enquanto educadora, mas gostaria de ir para outro tipo de área da educação. Sendo sincera, eu sou fascinada por política, no sentido de mudar as coisas, fazer a diferença, é dar um passo em frente e é isso que quero seguir na minha vida académica. É poder sair do terreno, mas vou lá estar por mais alguns anos, mas depois ir para outra área e dizer “Eu aqui consigo ajudar, eu consigo fazer com que a visão da educação seja efetivamente um bocadinho melhor do que estava”, portanto eu tenho esta visão vanguardista, não sei se vou conseguir ou não, mas pronto é um objetivo de vida.

Estagiária: Entendi em relação ao mestrado, mas relativamente ao assunto que envolve a política, é idealizar algo como um projeto e realizá-lo, é isso?

Educadora B: Também! Isto é pôr um sonho em prática. Ser educadora há 18 anos como tenho feito é saber onde estão as lacunas e saber como é que eu quero mudar e o que é que faz sucesso em mudar. Se eu entrasse na política, efetivamente tentava criar alicerces para as novas educadoras, se não conseguir, vou para a área da formação. Não é política no sentido de fazer política, porque não me revejo num partido, é no sentido de vamos melhorar o nosso Portugal e como é que o vamos fazer. Não é uma questão partidária,

mas também não é humanitária, mas é algo globalmente envolvente. É algo que não sei explicar, mas espero que tenhas percebido!

Estagiária: Sim, mas sei que vai conseguir com o tempo. Tenho-a observado durante os estágios e contem uma personalidade muito forte e definida.

Educadora B: Sim, tenho essa noção! Daí a minha procura por mais!

Estagiária: Retomando às questões e vamos mudar um pouco o tópico, qual é o seu pensamento em relação ao tema da natureza?

Educadora B: É um dos maiores livros de aprendizagem para a criança. É frase que eu te consigo dar, é um livro aberto que não substitui tudo e se realmente houve alguém que pensou em construir determinados objetos para poder trabalhar na infância ... na natureza tu tens uma infindável escolha, ou lista, ou o que quiseses chamar, de materiais para a tua área, é ouvir, é rebuscar um pouco o progresso atrás, isto é, como as coisas nasceram. A Natureza é uma mais-valia e tu consegues levar para a sala ou para o exterior. Sei que já falámos as duas sobre isto durante o teu estágio e sei que mais à frente vais questionar sobre o resto. Todos os elementos que necessitas para construir, seja aquele que for, tudo o que tu queiras trabalhar como as formas geométricas, emoções, escrita, matemática, leitura, ciências, ... Mas atenção, porque se tu fores então às bases do teu Escutismo, acho que é assim que se diz, tu sabes como fazer fogo!

Estagiária: Sim! E existem pequenos processos e conhecimentos que faço e tenho antes de fazer o fogo!

Educadora B: Estás lá chegar! É isto a natureza para mim, esta frase é minha, não fui buscá-la a lado nenhum, a natureza para mim é como se fosse um livro aberto e sem fim. Existe toda uma paleta de estrutura para tu poderes dar asas à tua imaginação.

Estagiária: Muito obrigada!

Educadora B: Eu não discordo com o resto, isto é, eu não sou militarista ao ponto de dizer “É só isto que sigo!”.

Estagiária: Sim, eu percebi! Sendo assim qual a periodicidade ou frequência de contato com a natureza que a criança tem dentro da sala.

Educadora B: Em relação à minha pessoa, se estivermos a falar de exteriores, vou ser sincera, se calhar não sou aquela educadora que os leva à rua todo o dia. Contudo, tento sempre ter o cuidado de pensar, se calhar estamos muito tempo dentro da sala e agora precisamos de ir mais para a rua. Eu acho que aqui houve um mindset da minha parte, houve uma mudança de pensamento e comecei a ter um cuidado em planejar, e partilhei contigo durante o estágio, de ter as coisas da sala, de maneira que pudesse ir para o recreio. Por exemplo, se eu quisesse fazer as presenças ou agarrar no livro e lê-lo.

Comecei a ter esse cuidado, contudo nunca deixei de aproveitar a rua. Mas o covid fez-me mudar e ter esse cuidado para com o planeamento. Se eu acho que a natureza é por si só um motor de aprendizagem e o

planeá-la faz parte da nossa diferenciação pedagógica. Consegues diferenciar pedagogicamente os objetivos que queres alcançar quando também fazes este tipo de planeamento. E por isso comecei a fazê-lo! Lembro-me perfeitamente e vou rebuscar dando exemplo, o Inverno. Em que temos a mania de levar gelo para sala e fazer coisinhas com as lãs. Eu e outra auxiliar fomos com o grupo que conheces, e estamos a falar de crianças de 3 a 4 anos, e eles fizeram o Inverno na rua. Eles tinham os casacos vestidos, fizemos mandalas com elementos naturais, eu desenhei no chão os flocos de neve com giz e eles trouxeram as peças dos enfiamentos.

Estagiária: Gostava de ter visto, é algo realmente diferente!

Educadora B: Depois posso partilhar contigo os registos. Mas temos de ter este cuidado, ter este tipo de mindset, desta mudança de pensamento. É por isso que aquela Área do Coração teve de surgir, porque tem de haver um propósito e tu sabes perfeitamente que para mim, todos os projetos têm de ter um propósito. Não sou daquelas que vou fazer só porque uma colega o fez, até porque se outra colega ficar na minha sala e aproveitar o espaço, ela é que decidirá se dará continuidade ou não ao contexto. Mas para mim é importante principalmente para o planeamento.

Estagiária: Sim, tenho esse conhecimento de consegue dar contextualização ao projeto! Sendo assim, que tipo de estratégias é que utiliza para a criança ter a relação com a natureza?

Educadora B: O contato direto é a maior estratégia. E tenho em contexto de sala, como sabes, a Área dos Materiais de Fim Aberto, o material não é só de reciclagem como também há materiais ligados à própria natureza. Trabalhas o reciclar e a reutilização, mas também com o grupo podes dialogar e relembrar que é necessário trazer folhas, pauzinhos, porque estamos sem esses recursos na sala e passas essa responsabilidade à criança, que efetivamente vai criando este hábito, seja em creche ou pré-escolar. Eles terão contato direto com a natureza, quer seja na rua ou na própria sala, para isso tens de ter em mente aquilo que eu te ensinei a fazer. Nesta área há uma mistura inata de materiais.

Estagiária: Foi mesmo uma área que me chamou a atenção! Mas para além de usar o espaço exterior da Instituição, utiliza também fora da instituição?

Educadora B: Sem dúvida alguma, o meu propósito deste ano é levar aqueles seres tão pequeninos para a rua, não sei bem ainda como é que eu vou fazer, mas primeiro quero que eles conheçam todos o exterior de escola como também todos os outros exteriores. Tanto que houve um dia que eu me despachei mais cedo e não sei se já estavas em tempo de estágio ou não, e disse a uma auxiliar “Vamos um bocadinho ali fora!”

Estagiária: Não, peço desculpa, mas ainda não estava consigo.

Educadora B: Não estavas comigo? Então deve ter sido a tua outra colega! Mas pronto, primeiro nestas idades é dar-lhes independência no espaço exterior, porque alguns têm de adquirir a marcha e por aí fora, e ir para a rua com bebés que não andam, não é muito fácil. Contudo, tenho este objetivo de os levar para um parque bem perto da instituição em que tem um espaço cheio de areia, que sei que eles vão adorar. Tenho

o objetivo de fazê-lo no final de ano. Com crianças em idades mais avançadas, a Comunidade envolvente para mim é rica em todo o sentido. E tu fostes prova disso!

Estagiária: Sim! Tive a oportunidade de vivenciar o exterior com as crianças.

Educadora B: Acho que tens um exemplo crasso desde ir à Comunidade, ver o quanto a Primavera já tinha crescido entre nós, desde uma história contada no exterior e o desenho feito ao ar livre. Portanto, tu tens documentação pedagógica minha, não viste tanto em creche. Em creche, neste momento, a natureza tem também tem de ir um bocadinho ao encontro deles. O móvel que eu disse que estava cheio de materiais de fim aberto, agora está cheio de outras coisas como pinhas, paus, folhas do Outono, que ficaram das experiências que nós fomos fazendo ou rolos grandes e pequenos. O que eles estão a fazer agora é enfiar os bracinhos lá dentro, ou seja, eles não têm isto no exterior, porque é verdade que pode parecer muito giro, fofinho, mas é pouco. É pouco, porque não há areia, não há paz, portanto há uma necessidade.

Estagiária: Não é verdadeira natureza, digamos assim!

Educadora B: Não é bem propriamente a natureza, o meu desafio é que naquele cantinho da areia que lá está do ATL é criar uma cozinha de lama só com areia. Se é um projeto ainda não sei, deixa ver, mas efetivamente é que eu faço quando não tenho, ou melhor, quando eles não têm contato, a gente leva para dentro da sala e foi o que eu fiz.

Estagiária: Com tantos projetos e atividades com as crianças tão pequeninas como é que aborda este tema da natureza com as famílias?

Educadora B: Com os pais, este ano fizemos uns sacos, em que eu, de alguma maneira, gostava que eles documentassem as caminhadas que vamos e vão fazendo, não só a nível da natureza, como a caminhada entre escola e a família. Mas não foi com o intuito direto de trabalhar a natureza, tanto que o saco que nós criamos para cada um deles, o título são mesmo “As minhas caminhadas”, com o intuito de recolher material natural ou não. Da natureza em si, já houve vinhas do outono apanhadas pelos próprios pais e filhos. Em Jardim de Infância já houve folhas a vir do Alentejo, porque a menina estava no Alentejo e trouxe o facto de inserir as famílias na documentação. Esta documentação foi só um registo fotográfico, uma fotografia enviada por e-mail à educadora. Dá-lhes autoestima, no sentido em dizer assim “Eu estou a participar!”, eles ficaram todos vaidosos, porque aquelas fotografias depois começaram a aparecer no placar. Foram eles que fizeram, eu só imprimi e não fiz as legendas das fotografias. A única coisa que eu fiz foi a documentação pedagógica realizada pela família. As vivências que eles tiveram foi com eles, as experiências foram com eles, é uma maneira de o fomentar a ida à natureza, porque depois vem aqui um bocadinho de tudo. Ainda não te consigo projetar um ano inteiro, mas este saco é efetivamente o auge, que os ligo muito ao exterior, seja a natureza pura e dura, como seja apenas um passeio até pela praia. Ou seja, porque a natureza não é só areia, terra e árvores, a natureza é uma paleta de coisas. Estamos a falar que a dada altura que se pode vir a explorar os animais que existem na casa das crianças. Não tem de ser o pauzinho da árvore, a natureza em si pode ter assim uma data de formas e pode chegar a família de várias maneiras. O saco é a maneira de comunicação, uma maneira de levar e trazer, foi uma comunicação direta com a família.

Estagiária: Ok, sendo assim, as famílias já têm opinião sobre este tipo de tema e atividades que faz com as crianças?

Educadora B: Opinião em que sentido?

Estagiária: Se já comentaram algo a dizer por exemplo: “Ainda bem que fez esta atividade, porque deu oportunidade de aproveitar o exterior e fui de fim de semana para um sítio ...”

Educadora B: Não tive tempo ainda, porque a reunião foi geral, portanto não dá para focar estes assuntos tão restritos de sala. Contudo, eles foram muito rápidos na entrega, porque de alguma maneira, foram cativados e dei-lhes o à-vontade. Não manifestaram “Aí que bonito!”, mas houve sinais como a entrega rápida para o trabalho, as fotografias que posso partilhar contigo em que algumas delas efetivamente parecem quadros de outono autênticos. Houve pais que foram revelar fotografias ao fotógrafo e entregaram-mas, porque acharam maravilhoso. Não disseram verbalmente “Aí adorei!”, mas demonstraram através das atitudes. Através desta comunicação ...

Estagiária: Uma comunicação indireta!

Educadora B: Isso, comunicação indireta! Mas vai-te preparando, muitas vezes as famílias também não dizem “Aí, eu gostei tanto!”, tens de começar a interpretar os sinais nas entrelinhas daquilo que te vão dizendo.

Estagiária: Ok, obrigada! É mesmo algo a treinar da minha parte essa leitura entrelinhas. Sendo assim e para finalizar, o que considera mais importante destacar quando a criança está em contato com a natureza?

Educadora B: A relação que ela está a estabelecer!

Estagiária: Só de estar na natureza?

Educadora B: Só o facto de estar é a relação que ela queria com a natureza, sem dúvida alguma, a relação no sentido em que a criança faz a própria aprendizagem. Porque na natureza, não há nada que esteja preparado, isto é, não há uma caneta pronta, só há um pau que pode servir de caneta. É uma relação que ela queria com material. Tens de ter aquele olhar crítico e teres aquele olhar de documentação pedagógica que é muito falada Reggio Emilia, em que tu tens que observar, registar, estar e fazer aquela escuta ativa que a gente falámos tantas vezes.

Estagiária: Sim, está a falar do olhar do observador!

Educadora B: Dá muito trabalho, mas que efetivamente é uma questão de treino, temos de verificar e vermos o que é que realmente vale a pena¹ (interrupção por parte do filho da educadora) Desculpa, perdi o raciocínio.

Estagiária: Não faz mal!

Educadora B: Ajuda-me a recuperar o que estávamos a falar!

Estagiária: Estávamos a falar da criança e a sua relação com a natureza, o estar, o aprender, ...

Educadora B: Isso! E estávamos a falar da documentação pedagógica, da escuta ativa que é feita através de observação do adulto perante a criança. Se fores sem nada planeado pensas “Hoje vamos fazer uma caminhada!”, tu vais com os olhos postos só no teu grupo. Podes de alguma maneira afunilar e lembrar de levar uns binóculos ou fazê-los, aquelas de cartão giras que as educadoras têm mania de fazer! Mas só para afunilar, só para os conduzir, o que vão observar, estar e fazer, tu vais perceber que cada um deles vai fazer algo como pegar em pedrinhas e construir, outro agarra nuns pauzinhos e tens ali inúmeras ... nem nós conseguimos observar tudo, com vinte e cinco crianças e estamos a falar de um Pré-escolar, não vais conseguir ver tudo! Mas para mim, na minha opinião, a criança estar com a natureza é estar em relação, é estar a aprender constantemente para a vida. Para a vida, pelos perigos, pelos mini obstáculos e estamos a falar de haver uma lasquinha num pau de madeira, em que quando pica, a primeira coisa que a tem é o reflexo, que é tirar o que está a picar! Por norma, numa sala a criança não treina este tipo de reflexo, não há objetos afiados para eles se espetarem. Correto!?

Estagiária: É como fizemos a atividade do outono, em que se levou as folhas e o ouriço, em que eles colocaram a mão e retraíram!

Educadora B: E picaram!

Estagiária: Sim! E aprenderam!

Educadora B: Há crianças que gostam e voltam outra vez a colocar a mão, mas há outras que saem logo! O perigo! E é uma das coisas que a tua colega têm me questionado, o que é normal, porque é a primeira vez em creche. Ela pergunta pelo perigo, pela segurança e pensava que eles não eram capazes de nada e com o tempo apercebem-se, são bebés pequeninos, mas capazes, nós temos este estigma inicialmente, não é!? Contudo, poderemos causar perigo dentro da sala, mas com alguma segurança, porque são pequeninos na mesma!

Estagiária: É causar a aprendizagem com a segurança!

Educadora B: É isso mesmo!

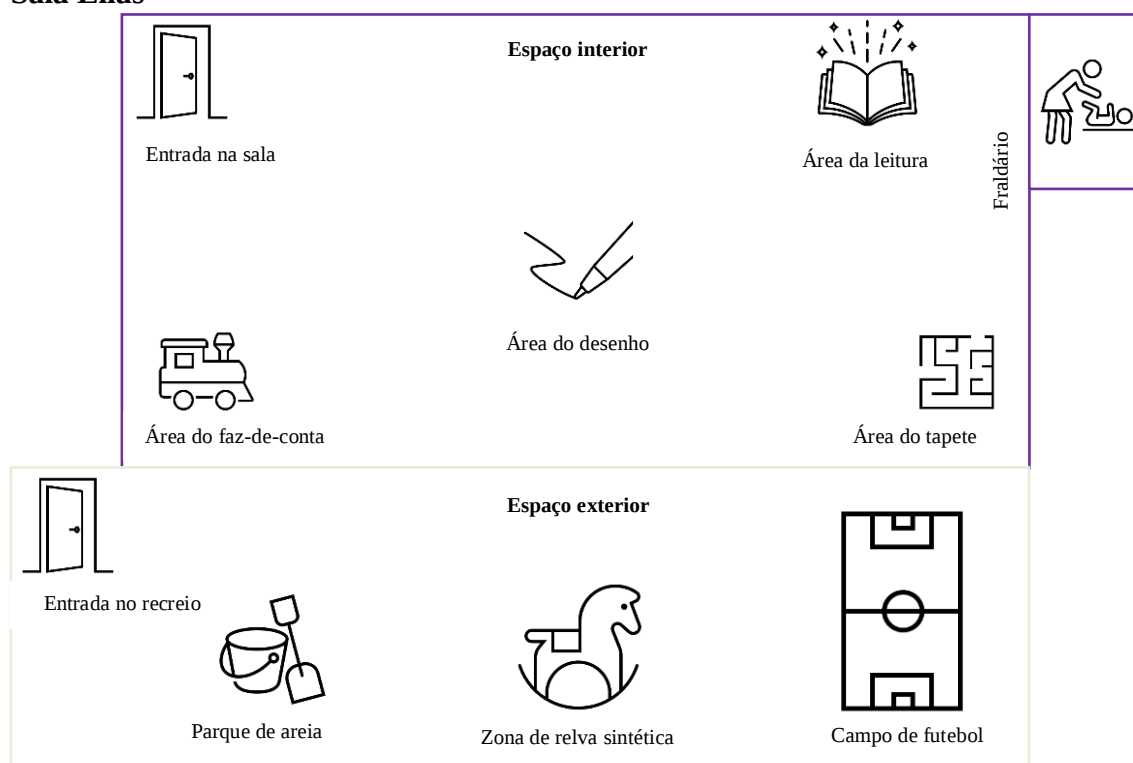
Estagiária: Obrigada! Damos por terminada a entrevista.

Educadora B: Obrigada eu! Se precisares de alguma coisa, não hesites em ligar e mandar mensagem!

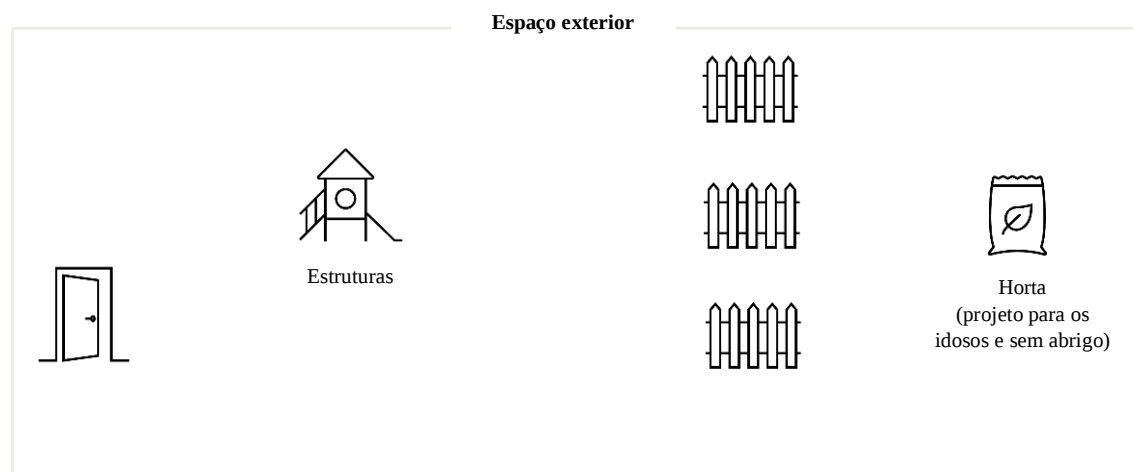
Estagiária: Muito obrigada, assim o farei!

4. Instituição A – plantas das salas

Sala Lilás

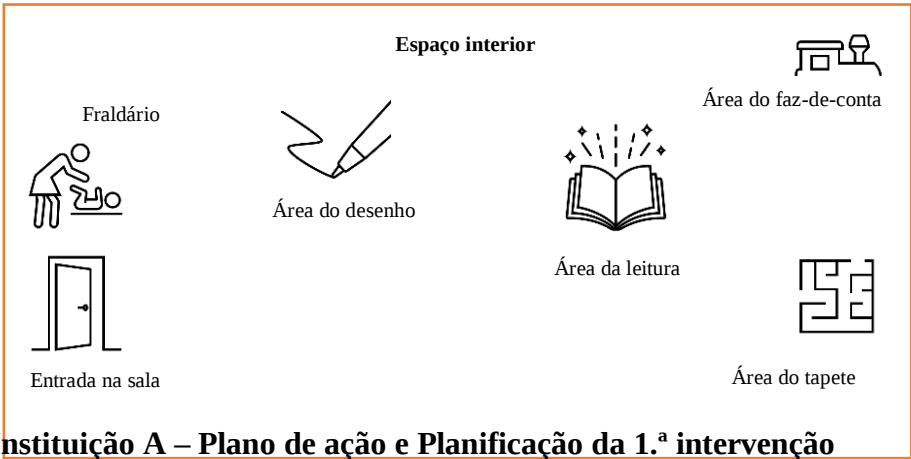


Sala Laranja



Entrada no recreio

Cerca (divisórias de espaços)



5. Instituição A – Plano de ação e Planificação da 1.ª intervenção

AMBIENTE EDUCATIVO			
ASPETOS A CONSIDERAR	INTENCIONALIDADES	PROCEDIMENTOS	
Relações de Grupo-Adultos	Proporcionar e manter um bom ambiente: - Entre os adultos para que seja um exemplo para o grupo; - Tranquilo sem grande excitação por parte dos adultos.	- Comunicação constante entre adultos e com o grupo.	
Espaços e Materiais	- Usufruir do espaço exterior mais frequentemente; - Realizar as atividades em pequenos grupos para que a exploração e a avaliação seja facilitada; - Adquirir materiais em grandes/ suficientes quantidades para um uso mais sereno entre as crianças.	- Muda de roupa para cada criança, para as atividades de exterior; - Verificação de segurança e de limpeza, antes e depois, dos espaços e dos materiais a serem usados.	
Tempo	- Ajustável (período da manhã ou da tarde), consoante a meteorologia.	- Confirmação online sobre a meteorologia	
AVALIAÇÃO			
BEM-ESTAR EMOCIONAL DAS CRIANÇAS/ GRUPO			
Devido às festividades natalícias, o grupo encontrou-se muito agitado, denotou-se a sua inquietação como no acolhimento, no decorrer do dia e na entrega às famílias. Na realização de atividades como o desenho livre, foi observado a inquietação na efetuação da tarefa, dispersando rapidamente a sua atenção para outra brincadeira. Avalio esta secção como Nível Médio "(...) que não evidenciam sinais claros nem de bem-estar nem de mal-estar, mas que não estabelecem contatos intensos com os que as rodeia." (Carvalho & Portugal, 2017)			
IMPLICAÇÃO/ENVOLVIMENTO NAS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO/CONTEÚDO E PARTICIPAÇÃO			
Tendo sido criado objetivos e aprendizagens em conjunto entre a Educadora e a Estagiária, nem todos os conteúdos foram realizados. No entanto, denotou-se um crescimento no desenvolvimento social do grupo como a comunicação entre adultos e crianças e entre pares, não esquecendo da entreajuda. Avalio a secção como Nível Médio "A criança participa nas atividades de forma mais ou menos contínua, mas sem intensidade." (Carvalho & Portugal, 2017)			
AMBIENTE EDUCATIVO			
A alteração e acréscimo de material em sala tem vindo a trazer benefícios para o desenvolvimento do grupo, isto porque as suas necessidades de descoberta e brincadeira foram-se alterando conforme os seus novos interesses. Ao longo do mês a equipa tem realizado todas as decorações de sala e da instituição com dedicação e esforço, juntamente com o grupo para realizar as recordações para as famílias. A comunicação entre a família e a equipa é correntemente uma ferramenta essencial para a criação de uma ligação de confiança, bem-estar e compreensão, sendo benéfico também para o grupo. Ponderou-se uma melhoria de calendarização e da escolha de atividades para realizar em sala, seja por alteração de tempo, troca de horários da equipa pedagógica e gestão de tempo.			
87			
CONTEXTUALIZAÇÃO			
Tema: A Natureza Temática mensal: Natal			
DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO/DE PROJETOS E ATIVIDADES E PROCESSO EDUCATIVO			
ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO/ CONTEÚDO	COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR	APRENDIZAGENS A DESENVOLVER	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM
Relação Pessoal e Social	Reconhecimento como sujeito e agente do processo educativo; Independência e autonomia	Educação para os valores, contexto democrático da vida em grupo; Desenvolvimento do sentido estético; Desenvolvimento da criatividade (resolução de problemas);	Exploração livre do espaço interior e exterior e dos materiais; Visitar outras salas e brincar com outras crianças;
Expressão e Comunicação	Motricidade (Domínio da Educação Física); Música e Dança (Domínio da Educação Artística); Linguagem oral (Domínio da Linguagem Oral)	Desenvolvimento e domínio do corpo; Interpretar com intencionalidade expressiva musical; Domínio da linguagem oral;	Dar a conhecer músicas de Natal, cantar e mimica; Criação da Piscina das sensações (recolha de elementos naturais); Criação da Prenda de Natal; Uma vez por semana realizar uma atividade ao espaço exterior;
Conhecimento do mundo	Conceitos e desenvolvimento dos processos; Estabelecer relações entre o presente e o passado da sua família e comunidade, associando-as a objetos, situações de vida e práticas culturais.	Demonstrar curiosidade e interesse pelo que a rodeia através do brincar e do explorar.	Festa de Natal na instituição; Participação das famílias na decoração de uma árvore de cartão e na desta de Natal.

NOME: A Natureza – Momento de Sensações			
ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO/CONTEÚDO			
Área formação pessoal e social	Área de expressão e comunicação	Área de conhecimento do mundo	
Contexto democrático da vida em grupo; Desenvolvimento do sentido estético; Partilha das aprendizagens com o grupo; Conhecimento do meio natural e social.	Desenvolvimento da consciência e domínio do corpo; Exploração livre do espaço, do movimento e dos materiais; Diversidade, qualidade e acessibilidade dos materiais.	Sensibilização às ciências naturais e sociais; Consciência de si e dos outros; Conhecimento do meio natural e social.	
RECURSOS		ORGANIZAÇÃO DO PROJETO/PROPOSTA/ATIVIDADE/SESSÃO	
- Atividade em pequeno e/ou grande grupo; - Escolha de espaço interior; - Recolha de materiais naturais (pilhas, ramos, cascas de árvores, entre outros...); - Exploração de diversos materiais naturais; - Comunicação em pares, pequeno grupo, grande grupo e com a equipa.		- Baseado no Projeto da Sala Lilás (recuperação de valores: amizade, partilha, cooperação, entre outros); - O grupo irá realizar na parte da manhã uma sessão durante 10 a 20 minutos a exploração dos materiais naturais; - Primeiro momento sem interação do adulto e no segundo momento com interação do adulto;	

REGISTOS/OBSERVAÇÕES/REFLEXÃO/AValiação
A atividade pretendida não foi realizada conforme o previsto, devido à desprimorosa organização e gestão de tempo da minha parte. No entanto foi possível a exploração da natureza através de duas saídas ao espaço exterior, especificamente no campo de desporto, que permitiu uma observação de reações por parte do grupo através do domínio físico (correr, saltar, agarrar, tocar, ...) e o domínio da linguagem oral (falar, gritar, ...), ao que a exploração do mundo natural foi predominante. Houve divisão de interações entre o grupo e a equipa, ao qual só interferia em caso de uma nova descoberta ou num conflito entre pares. A reação das famílias relativamente às roupas sujas das crianças não foi positiva, sendo que questionavam a razão da necessidade de o grupo ir brincar no espaço exterior.
Fotografias: 

6. Instituição A – Documentação pedagógica e Planificação da 3.ª intervenção



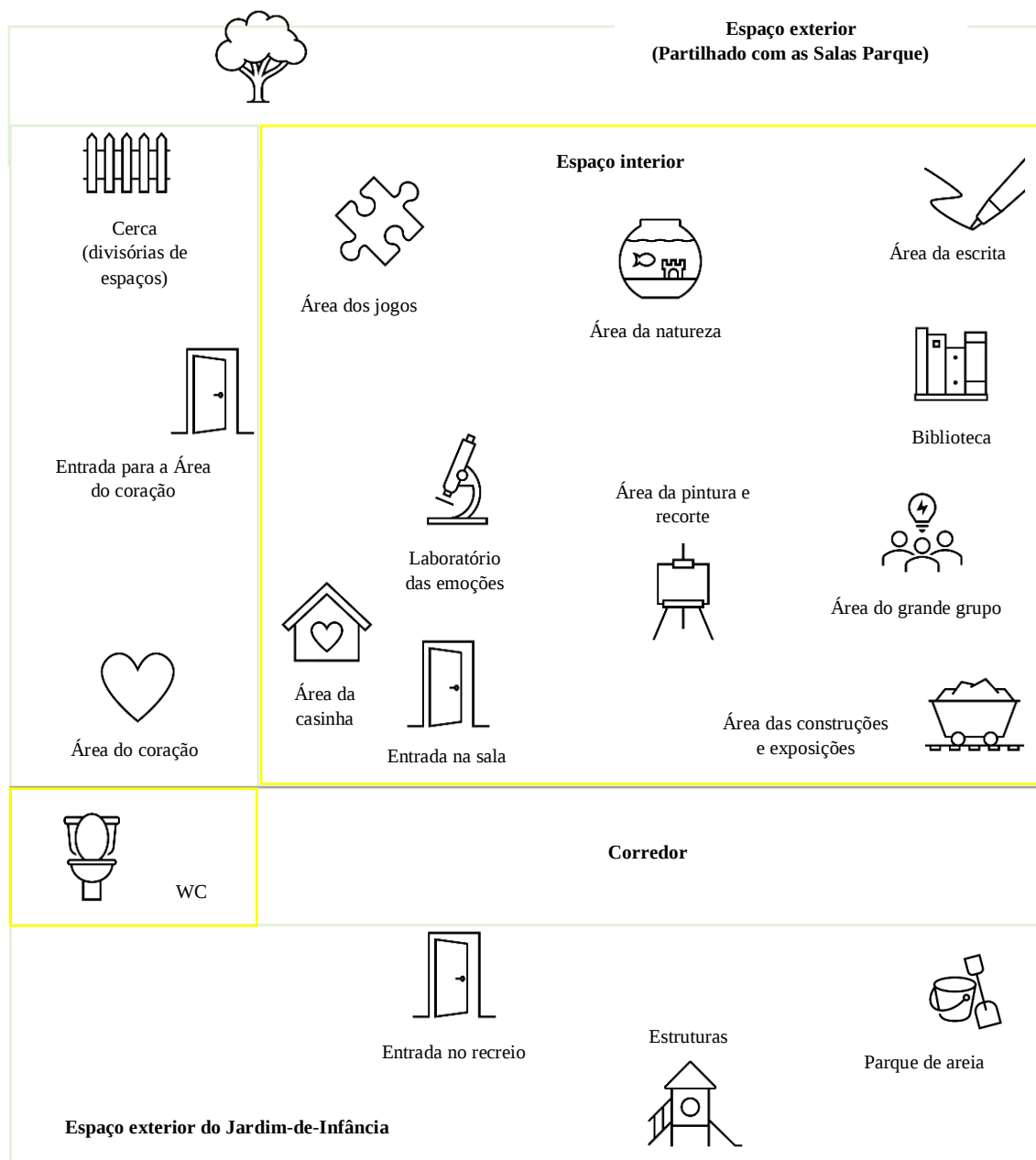
NOME: ☐ Outono		
ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO/CONTEÚDO		
Área Formação Pessoal e Social	Área de Expressão e Comunicação	Área de Conhecimento do Mundo
Exploração livre do espaço e dos materiais; Partilha de experiências	Desenvolver capacidades expressivas através de produções plásticas; Mobilizar o material exposto; Desenvolver o sentido rítmico, de relação do corpo e do espaço com ela própria e com os outros; Expressão de comunicação sobre o acontecimento;	Reconhecer a rotina; Identificar os elementos naturais;

RECURSOS	ORGANIZAÇÃO DO PROJETO/PROPOSTA/ATIVIDADE/SESSÃO
RECURSOS MATERIAIS: Coluna de som Telemóvel Estrutura de ferro (cabide) Papel autocolante transparente (2/3 rolos) Molduras (em cartão) Tesoura e/ou x-ato Elementos naturais: púlas, folhas secas, caruma, entre outros RECURSOS HUMANOS: Equipa Pedagógica da Sala Laranja Crianças da Sala Laranja	Quando chegar à instituição, leva-se os materiais essenciais para a construção da atividade. Depois da marcação de presenças, a estagiária explica que o tempo está a mudar e que há uma nova estação do ano: o Outono. Colocando a música na coluna de som (https://www.youtube.com/watch?v=e5PmXazHLSA), a estagiária acompanha-a cantando e realiza gestos para as crianças da sala imitarem (se for necessário, a repetição, esta será feita). De seguida leva-se um pequeno grupo para outra sala, onde está preparada a atividade. A participação das crianças da sala é crucial, pois elas irão explorar os materiais naturais, assim como o espaço e outros materiais. Consoante a troca de cada grupo, é necessário a troca do papel autocolante, devido à pequena estrutura que o suporta. Cada pequeno grupo terá 5/10 minutos para realizar a atividade, em que na sua duração irá conter um telemóvel a gravar toda a experiência de cada grupo. Depois de todos os pequenos grupos terem participado, é necessário recortar cada moldura, podendo ser um trabalho que se pode guardar, uma recordação para se levar para casa ou

REGISTOS/OBSERVAÇÕES/REFLEXÃO/AVALIAÇÃO
Avaliação a Nível de Bem-estar: Baixo / Médio / Alto (indicadores e exemplos) Avaliação a Nível de Implicação: Baixo / Médio / Alto (indicadores e exemplos)

7. Instituição B – planta da sala

Sala Amarela



8. Instituição B - Planificações das intervenções

1.ª Intervenção

Data	8 de maio de 2023	Instituição	Σ	Sala	Amarela		
Horas	Rotina	Áreas de Conteúdos	Aprendizagens a promover	Estratégia ou Intencionalidade		Recursos	Acompanhamento
				Humanos	Material		
7h30	Acolhimento	Área de Formação Pessoal e Social	Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social	Comunicação com as famílias	Auxiliar de Educação; Grande grupo;	Dossiê de presenças	Uma Auxiliar de Educação de cada sala acolhe as crianças de todas as salas ao refatório, distribuindo brinquedos pelas diversas mesas.
8h50	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança;	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	-	Antes de ir para a sala, a estagiária acompanha o grupo até à casa de banho, relembrando o grande grupo para fazer a higiene (fazer as necessidades, lavar as mãos e beber água).
9h	Desenho do dia	Área de Expressão e Comunicação	Usar a leitura e a escrita com diferentes funcionalidades nas atividades, rotinas e interações com outros	Realizar um desenho livre	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	Folhas brancas A4; Copo individual com canetas;	A Estagiária informa o grande grupo para realizar o desenho com o material de escrita individual.
9h30	Conversa de tapete	Área de Expressão e Comunicação	Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação	Preencher mapas (presença, meteorologia, hora do dia); Conversa sobre o que vai ocorrer ao longo do dia;	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	Mapas	A Estagiária pede ao grande grupo para arrumar o desenho e reunir no tapete formando um círculo, preenchendo os mapas e explicar o que irá acontecer ao longo do dia.
10h20	Brincar nas Áreas	Área do Conhecimento do Mundo	Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente	Organização do Espaço da Natureza dentro da sala	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	Quadro de giz; Giz;	A Estagiária conversa com o grande grupo sobre a Área da Natureza, criando uma tabela com os cuidados a ter com a área, isto é, cuidar do peixe e das plantas.
11h15	Recreio	Área do Conhecimento do Mundo	Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões	Escolha das áreas de interesse individual	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	-	A Estagiária pergunta individualmente em que área querem brincar, relembrando a quantidade de crianças por área, isto é, na casinha e nas construções o limite é de 4 crianças.
11h40	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Reconhecer unidades básicas do tempo diário, compreendendo a importância que têm na sua vida	Exploração do espaço exterior	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	Chapéus de sol	A Estagiária reúne o grande grupo para distribuir os chapéus de sol e acompanhá-lo até ao espaço exterior.
12h	Almoço	Área de Formação Pessoal e Social	Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	-	A Estagiária pede ao grande grupo para arrumar os brinquedos e fazer uma fila para ir almoçar, acompanhando-o para a casa de banho e depois para o refatório.
12h	Almoço	Área de Formação Pessoal e Social	Assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros	Distribuição de tarefas	Auxiliar de Educação; Grande grupo;	Utensílios de mesa (prato, talheres, copos e guardanapos)	A Auxiliar de Educação escolhem 2/3 crianças para colocar os utensílios na mesa, em que a Auxiliar posteriormente coloca a água nos copos.
12h40	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	-	A Estagiária pede ao grande grupo para fazer uma fila, acompanhando-o para a casa de banho e depois para o espaço exterior.
12h40	Recreio	Área do Conhecimento do Mundo	Reconhecer unidades básicas do tempo diário, compreendendo a importância que têm na sua vida	Exploração do espaço exterior	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	Chapéus de sol	Depois de almoço, a Auxiliar de Educação reúne o grande grupo para distribuir os chapéus de sol e acompanhá-lo até ao espaço exterior.
13h40	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	-	A Estagiária pede ao grande grupo para arrumar os brinquedos e fazer uma fila para ir para a sala, acompanhando-o para a casa de banho e depois para a sala.
13h40	Brincar nas Áreas	Área de Formação Pessoal e Social	Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões	Escolha das áreas de interesse individual	Auxiliar de Educação; Grande grupo; Estagiária;	-	A Estagiária pergunta individualmente em que área querem brincar, relembrando a quantidade de crianças por área, isto é, na casinha e nas construções o limite é de 4 crianças.
13h40	Lanche	Área de Formação Pessoal e Social	Assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros	Distribuição de tarefas	Auxiliar de Educação; Grande grupo;	Utensílios de mesa (prato, talheres, copos e guardanapos)	A Auxiliar de Educação pede ao grande grupo para arrumarem a sala e posteriormente fazerem fila e acompanhá-lo até ao refatório.
15h40	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Demonstrar cuidados com o seu corpo e de segurança	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo;	-	A Auxiliar de Educação acompanha o grupo até à casa de banho, relembrando o grande grupo para fazer a higiene (fazer as necessidades, lavar as mãos e beber água).
Até às 19h	Regresso às famílias	Área de Formação Pessoal e Social	Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social	Comunicação com as famílias	Auxiliar de Educação; Grande grupo;	Dossiê de presenças	Uma Auxiliar de Educação de cada sala permanece no refatório, distribuindo brinquedos pelas diversas mesas até as famílias chegarem à instituição.

2.^a e 3.^a. Intervenções

Data	9 de maio de 2023	Instituição	π	Sala	Acompanhamento
					Amarela
Horas	Rotina	Áreas de Conteúdos	Intencionalidade	Recursos	
				Humanos	
				Material	
7h30	Acolhimento	Área de Formação Pessoal e Social	Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social	Auxiliar de Educação; Grande grupo	Uma Auxiliar de Educação de cada sala acolhe as crianças de todas as salas no refeitório, distribuindo brinquedos pelas diversas mesas.
8h50	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo	Antes de ir para a sala, a estagiária acompanha o grupo até à casa de banho, relembrando o grande grupo para fazer a higiene (fazer as necessidades, lavar as mãos e beber água).
9h30	Conversa de tapete no espaço exterior	Área de Expressão e Comunicação	Preenchimento de mapas (presenças, meteorologia, herói do dia); Conversa sobre o que vai ocorrer ao longo do dia;	Equipa Pedagógica; Grande grupo; Estagiária	A Educadora de Infância acompanha o grande grupo para o espaço exterior, divide-o em 7 grupos pequenos e explicou o que irá suceder ao longo do dia, enquanto a Estagiária preparava os materiais para a atividade.
10h20	Brincar nas Áreas	Área de Formação Pessoal e Social	Compreender e identificar características distintivas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas	7 lupas; Folhas A4; Lápis de cor; Placa de suporte; Elementos naturais (pedras, folhas, paus, ...)	Depois de preencher os mapas, a Estagiária explicou a atividade, distribuindo os materiais pelos grupos. Posteriormente, cada grupo escolheu um lito para observar e registar, sendo que a Estagiária foi fazendo o registo fotográfico.
11h40	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Explorar o espaço exterior com a lupa e simultaneamente fazer o registo de observações com colocação de elementos naturais	Educadora; Grande grupo; Estagiária	A Estagiária pergunta individualmente em que área querem brincar, relembrando a quantidade de crianças por área, lito é, na casinha e nas construções o limite é de 4 crianças.
12h	Almoço	Área de Formação Pessoal e Social	Escolha das áreas de interesse individual	Educadora; Grande grupo; Estagiária	A Estagiária pede ao grande grupo para arrumar os brinquedos e fazer uma fila para ir almoçar, acompanhando-o para a casa de banho e depois para o refeitório.
	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Educadora; Grande grupo; Estagiária	A Auxiliar de Educação escolhe pergunta a 4/5 crianças para colocar os utensílios na mesa, em que a Auxiliar posteriormente coloca a água nos copos.
12h40	Recreio	Área do Conhecimento do Mundo	Distribuição de tarefas	Educadora; Grande grupo; Estagiária	A Estagiária pede ao grande grupo para fazer uma fila, acompanhando-o para a casa de banho e depois para o espaço exterior.
	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Educadora; Grande grupo; Estagiária	Depois de almoço, a Estagiária reúne o grande grupo para distribuir os chapéus de sol e acompanhando-o até ao espaço exterior.
13h40	Conversa de tapete	Área de Expressão e Comunicação	Exploração do espaço exterior	Educadora; Grande grupo; Estagiária	A Estagiária pede ao grande grupo para arrumar os brinquedos e fazer uma fila para ir para a sala, acompanhando-o para a casa de banho e depois para a sala.
			Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Educadora; Grande grupo; Estagiária	
			Visualização do filme: "Qual é o sentido da vida? História do Girassol". Construção do girassol com plastilina, pintura e em desenho	Retroproyetor; Depi; 2 embalagens de plastilina (amarelo e verde); Folhas A3; Tintas (amarelo, verde, castanho); Pincéis; Folhas A4; Lápis de cor;	A Educadora de Infância ajudou a organizar o espaço dentro da sala para visualizar o vídeo. De seguida, a Estagiária comunicou as 3 atividades que o grande grupo poderia realizar, sendo possível realizar apenas uma ou todas, consoante o seu interesse.
13h40	Lanche	Área de Formação Pessoal e Social	Assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros	Equipa Pedagógica; Grande grupo; Estagiária	A Auxiliar de Educação pede ao grande grupo para arrumarem a sala e posteriormente fazerem fila e acompanhando-o até ao refeitório.
	Higiene	Área do Conhecimento do Mundo	Citar hábitos de higiene (fazer as necessidades fisiológicas, lavar mãos e beber água)	Auxiliar de Educação; Grande grupo	A Auxiliar de Educação acompanha o grupo até à casa de banho, relembrando o grande grupo para fazer a higiene (fazer as necessidades, lavar as mãos e beber água).
Até às 19h	Regresso às famílias	Área de Formação Pessoal e Social	Distribuição de tarefas	Auxiliar de Educação; Grande grupo	Uma Auxiliar de Educação de cada sala permanece no refeitório, distribuindo brinquedos pelas diversas mesas até as famílias chegarem à instituição.